

LUCIMARA NASCIMENTO DA SILVA

**A FESTA DA FARINHA DA COLÔNIA PULADOR NO
CONTEXTO DA MIGRAÇÃO NORDESTINA EM
ANASTACIO - MS**

BOLSISTA - CAPES



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE - MS
2013**

LUCIMARA NASCIMENTO DA SILVA

**A FESTA DA FARINHA DA COLÔNIA PULADOR NO
CONTEXTO DA MIGRAÇÃO NORDESTINA EM
ANASTACIO - MS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local, Mestrado Acadêmico, da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob a orientação da Profª Drª Maria Augusta de Castilho.

Bolsista: CAPES



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE - MS
2013**

Ficha catalográfica

Silva, Lucimara Nascimento de
S586f A Festa da Farinha da Colônia Pulador no contexto da migração
nordestina em Anastácio-MS./ Lucimara Nascimento da Silva; orientação
Maria Augusta de Castilho. 2013
56 f.

Dissertação (mestrado em desenvolvimento local) – Universidade
Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2013.

1. Desenvolvimento local 2. Migração nordestina – Anastácio, MS 3.
Festa da farinha – Anastácio, MS I. Castilho, Maria Augusta de II. Título

CDD – 304.80981

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: A Festa da Farinha da Colônia Pulador no contexto da migração nordestina em Anastácio - MS

Área de concentração: Territorialidades e dinâmicas socioambientais.

Linha de pesquisa: Cultura, Identidades e Representações.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Dissertação aprovada em: 19 / 03 / 2013

BANCA EXAMINADORA

Maria Augusta de Castilho
Maria Augusta de Castilho - Orientadora
Universidade Católica Dom Bosco

Heitor Romero Marques
Prof Dr Heitor Romero Marques – Presidente da Banca
Universidade Católica Dom Bosco

Arlinda Cantero Dorsa
Profª Drª Arlinda Cantero Dorsa
Universidade Católica Dom Bosco

Eduardo Abdo Yazigi
Prof Dr Eduardo Abdo Yazigi
Universidade de São Paulo

A dedicação vai para todas as pessoas que confiaram na minha capacidade e tiveram paciência pelas várias vezes em que estive ausente mesmo estando presente.

Dedico à minha mãe, que sempre me incentivou para os estudos, meu pai por sempre estar presente nas horas em que eu mais precisei. E a minha orientadora pela firmeza, franqueza e honestidade que sempre demonstrou a mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre ter ouvido minhas preces e me manteve em pé mesmo nas horas mais difíceis. A caminhada foi dolorosa, pois tive grandes perdas durante esse período em que estive envolvida na pesquisa.

Agradeço a minha orientadora Prof^a Dr^a Maria Augusta de Castilho, pela paciência demonstrada a mim, mesmo nas horas em que eu demonstrei fraqueza ela se mostrou minha fiel orientadora e amiga.

Aos meus professores, pela sabedoria e dedicação aos alunos.

Aos meus pais e irmãos, que sempre tiveram ao meu lado.

Aos meus colegas, que envolvidos em suas respectivas pesquisas, sempre achavam um tempo para dialogar e trocar informações.

E ao meu colega e vereador da cidade de Anastácio José Edson Barbosa de Moraes, que mesmo com a correria que seu cargo exige, sempre demonstrou total satisfação e empenho ao colaborar com a minha pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa ressalta a Festa da Farinha da cidade de Anastácio, com enfoque na identidade cultural do povo nordestino e na presença do sentimento de pertença nesse local. Nesse contexto, destaca o valor da festa em sua representação por parte dos participantes local e turistas, a potencialidade para o desenvolvimento local da comunidade nordestina e para área urbana da cidade. Para tanto, teve-se como questões norteadoras a percepção dos visitantes, na avaliação das potencialidades da festa para o desenvolvimento local tanto da área urbana quanto da comunidade nordestina, incentivo econômico, assim como preservação de sentimento de pertença. A comemoração tem por objetivo a representação cultural e identidade local, que juntamente com o sentimento de pertença traz desenvolvimento local, social e econômico provando que a tradição e o enraizamento na cultura se constrói o desenvolvimento humano. Nesse contexto, o importante é levantar a autoestima dessa população fazendo com que a cada ano, a realização da festa consiga superar os anos anteriores, levando-os a identificar suas raízes e valorizar seus costumes e tradições. Como se pode verificar, a festa tem essa função, de alimentar a esperança dessa comunidade que saiu de Pernambuco e criou raízes fora do seu local de origem e consegue superar todas as dificuldades, demonstrando para toda a sociedade da cidade e da região a força obtida durante anos e que perpassa de geração em geração, valorizando e repassando para cada membro sua cultura, e dessa forma o desenvolvimento local se faz presente.

PALAVRAS-CHAVE: Festa da Farinha. Anastácio. Desenvolvimento local.

ABSTRACT

This research underscores the Feast of Anastácio Flour City, focusing on the cultural identity of the people of the Northeast and in the presence of sense of belonging there. In this context we emphasize the value of the party on its behalf by the participants and tourists, the potential for local development community and northeastern area of the town. For both, had as guiding questions the perception of visitors, how to evaluate the potential of the party for the local development of both urban area and the community Northeastern, economic incentive, preserving a sense of belonging. The celebration aims to represent cultural and local identity, which together with the sense of belonging brings local development, proving that social and economic rootedness in tradition and culture builds human development. In this context, the important thing is to raise the self-esteem of this population so that each year, the performance of the party is overcome previous years, leading them to identify their roots and appreciate their customs and traditions. As can be seen, the party has this function, any hope of this community that left Pernambuco and roots were created from their place of origin and managed to overcome all difficulties, demonstrating to the whole society of the city and the region gained strength for years and that permeates from generation to generation, valuing and passing to each member their culture, and thus local development is present.

KEY WORDS: Feast of Flour. Anastácio. Local development.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Morro do Chapéu	21
Foto 2 - Preparação da tapioca na Festa da Farinha em Anastácio - MS - 2011	23
Foto 3 - Movimentação na Av. Porto Geral local da Festa da Farinha em Anastácio-MS- 2011 (A)	27
Foto 4 - Movimentação na Av. Porto Geral local da Festa da Farinha em Anastácio-MS- 2011 (B).....	27
Foto 5 - Representações da Maria Bonita - Festa da Farinha em Anastácio-MS - 2011	31
Foto 6 - Representação da cultura nordestina na Festa da Farinha em Anastácio-MS 2011..	32
Foto 7 - Área das Barracas na Festa da Farinha em Anastácio - MS-2011	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sexo	39
Gráfico 2 - Idade	40
Gráfico 3 - Escolaridade	40
Gráfico 4 - Estado civil	41
Gráfico 5 - Renda mensal.....	42
Gráfico 6 - Meio de hospedagem	43
Gráfico 7 - Cidade de origem dos participantes	44
Gráfico 8 - Meio de transporte utilizado pelos participantes da Festa da Farinha	45
Gráfico 9 - Profissão dos participantes da Festa da Farinha	45
Gráfico 10 - Principal motivação na festa	46
Gráfico 11 - Como ficou sabendo sobre o evento	46
Gráfico 12 - Participação em festas anteriores	47
Gráfico 13 - Infraestrutura.....	47
Gráfico 14 - Valor que pretende gastar na Festa da Farinha	48
Gráfico 15 - Importância do evento para a cidade	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONCEITUAÇÃO GERAL	12
2 ASPECTOS HISTÓRICOS DE ANASTÁCIO-MS.....	17
3 A FESTA DA FARINHA NA CIDADE DE ANASTÁCIO-MS	23
3.1 A FESTA NO CONTEXTO LOCAL.....	33
3.1.1 Organizadores e participantes	35
3.1.2 O Artesanato e a culinária.....	36
3.1.3 O lazer e participação popular	36
4 A PERCEPÇÃO NORDESTINA NA FESTA DA FARINHA.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE	55

INTRODUÇÃO

A Festa da Farinha surgiu exatamente há oito anos, criando notoriedade e prestígio, sendo data cativa no calendário cultural do Estado do Mato Grosso do Sul. Lanzarini (2009) destaca que atribui o prestígio da festa ao grande interesse da comunidade nordestina residente em Anastácio-MS em destacar sua cultura por meio da culinária e do artesanato. Além disso, o objetivo principal é o desenvolvimento local da comunidade, fazendo com que a fomentação da agricultura familiar cresça também na produção artesanal da farinha torrada.

A Festa da Farinha é fruto da persistência dos nordestinos em mostrar sua cultura e tradições, o que faz com que a festa ganhe destaque no cenário cultural do Estado, cujo trabalho é uma cooperação conjunta dos integrantes da comunidade. De acordo com Lanzarini (2009), a consciência dos participantes do evento, tanto dos organizadores como dos trabalhadores rurais tem sido essencial para a originalidade da festa, pois dias antes do evento toda a equipe passa por treinamentos pelo SEBRAE do MS, sendo que toda a programação é oferecida gratuitamente aos trabalhadores envolvidos na festa.

Portanto, a iniciativa e idealização de fazer uma festa nesse estilo, em que cultura nordestina é valorizada, foi de responsabilidade do ex-prefeito Cláudio Valério (*in memoriam*), idealizador e descendente de nordestino, que morou na colônia Pulador toda sua infância e saiu da zona rural para estudar na cidade. O território escolhido pelos migrantes no final do século XIX fica em uma região que tem uma ligação histórica com a Guerra do Paraguai, durante o período em que ocorreu o conflito, muitos se refugiaram nesse local, perto do Morro Azul, onde atualmente localiza-se a Colônia Puladora, reduto dos nordestinos.

Por se tratar de um assunto pouco explorado pelos pesquisadores, as fontes bibliográficas sobre a temática são escassas. Alguns artigos acadêmicos foram encontrados, no que se referem especificamente à comunidade nordestina e à Festa da Farinha, no entanto o enfoque se volta para a gastronomia e economia do lugar. Nesse prisma, esta pesquisa de

campo foi pioneira, por meio de entrevistas com moradores da comunidade e questionários aplicados nos dias de realização da festa aos visitantes, também foram esclarecedoras no que se tange à representação cultural do nordeste brasileiro.

Sendo assim, a percepção dos visitantes e moradores local foi a questão norteadora para compreensão do objetivo da pesquisa. Entender a existência do sentimento de pertença e de desenvolvimento local, por meio da representação da festa tornou-se imprescindível para o estudo em tela. Segundo essa linha de pesquisa os objetivos abordaram um entendimento sobre a potencialidade do desenvolvimento local em Anastácio, a originalidade e o perfil dos participantes e visitantes da Festa da Farinha.

Com isso, pode-se verificar que houve uma pesquisa de caráter exploratório, por meio de pesquisa bibliográfica e *in loco*.

Para as informações obtidas foram utilizadas as seguintes ferramentas:

- Formulário de questões, que foram aplicadas na 6^a edição da festa, para os visitantes em 2011 (ver apêndice).
- Entrevistas estruturadas com organizadores da festa e representante da cooperativa da farinheira - Jaime de Souza Arruda.
- Revisões bibliográficas em livros, revistas, jornais eletrônicos e impresso e artigos.

A dissertação está estruturada em três capítulos: o primeiro trata sobre os “aspectos históricos” da cidade de Anastácio-MS, pois para entender a comunidade nordestina existente nessa região é preciso analisar o contexto histórico e territorial do local; o segundo capítulo aborda “A Festa no contexto local”, é nesse momento que os aspectos sobre cultura, identidade, representação, territorialidade e desenvolvimento local surgem para embasamento teórico da pesquisa. Trata-se do contexto existente em torno da festa no tocante à culinária, visitantes, lazer, participações populares e percepções. A representação do saco de farinha gigante demonstra a riqueza e fartura dos produtores rurais da colônia nordestina e também simboliza a fartura do local. O terceiro capítulo destaca a “Percepção nordestina na Festa da Farinha”, onde todo o trabalho realizado durante o período da pesquisa é analisado, dando forma à comprovação do desenvolvimento local por meio do evento. As considerações finais complementam o estudo por meio da síntese analítica de todos os dados coletados.

1 CONCEITUAÇÃO GERAL

As relações humanas que servem de sustentação para o cotidiano da comunidade dependem dos laços encontrados entre os indivíduos pertencentes ao mesmo grupo. Essas relações representam a sustentação da comunidade e o indivíduo somente se sente parte de um grupo a partir do momento que ele se socializa e aceita a cultura do grupo. Para entender e contextualizar a vida de uma comunidade é preciso verificar a parte histórica do lugar, entender sua cultura, a vida em comunidade a formação do território e do grupo em questão, no caso o grupo nordestino na zona rural da cidade de Anastácio.

Integra-se a cultura local e estimular o desenvolvimento local utilizando os próprios meios que a comunidade possui é um fator importante para o sucesso do lugar sendo assim o contexto histórico é de fundamental importância, pois é por meio das relações humanas no que se refere à cultura e tradições, que se entende e desabrocham as potencialidades. O território é uma reordenação do espaço, é nesse ambiente que as manifestações de identidades se afloram. O sujeito ao assumir como seu o território vivido, ele já se sente enraizado no local, pois é ali que se entrelaça todo tipo de relação humana e sentimento de pertença. A definição de como esse espaço territorial será regido, depende do tempo histórico e determina os interesses coletivos da comunidade.

Santos (2007, p. 13) menciona que:

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir de manifestações da sua existência.

Correlacionam-se as comunidades e território a uma construção de identidades próprias, mesmo por pessoas que saem de seu local de origem para se instalar em outros. A percepção de identidade e de um novo espaço acontece quando a pessoa consegue se afirmar em suas relações e com o novo ambiente. Os laços se criam a partir do interesse e das relações humanas.

Tuan (1976) identifica que o exercício de produzir a história de um local implica o reconhecimento de processos de identificação dependentes de sistemas culturais que articulam relações de vizinhança, territorialização e sentimento de pertença. Este mesmo autor apresenta uma abordagem humanista, destacando o território como uma porção do espaço, em relação ao qual se desenvolvem afetos, por intermédio de experiências individuais e/ou coletivas.

Assim, o território é algo dinâmico e fluitivo, o que implica o desenvolvimento em escala humana, essencial para o desenvolvimento do território ocupado pela história dos migrantes nordestinos na região elencada (MARQUES, 2001).

Salienta-se que o termo território apresenta um caráter cultural, principalmente em referências a agentes sociais que compõem grupos diversificados.

Nos tempos atuais o território, impregnado de significados, símbolos e imagens, constitui-se em um dado segmento do espaço, via de regra delimitado, que resulta da apropriação e controle por parte de um determinado agente social, um grupo humano, uma empresa ou uma instituição (ROSENDHAL, 2005).

O território é uma ordenação de espaço no qual é atribuída uma identidade territorial aos grupos sociais, que no presente estudo são os habitantes da Colônia Pulador, que se organizam e trocam relações em todos os níveis, inclusive o patrimonial (MITIDIERO, 2009).

Portanto, o território é a razão para as relações humanas, o próprio ato de reconhecer o território como seu, demonstra se o sujeito consegue se perceber enraizado nele, sendo importante na construção das relações sociais.

Raffestin (1993) assinala que o território é o espaço para o qual se planejou um dado projeto/trabalho, seja esse de transferência de energia ou informação, e, que por consequência revela relações marcadas pelo poder.

A territorialidade refere-se às relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas- uma localidade, uma região ou um país - e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado território. A territorialidade reflete o vivido territorial, em toda a sua abrangência e em suas múltiplas dimensões: cultural, política, econômica e social (LASTRES; CASSIOLATO, 2004, p. 25).

Portanto, as relações ocorridas na Festa da Farinha revelam a busca do homem para relacionar-se com outras pessoas podendo contemplar o sentimento de pertença, criando um elo de comunicação e determinando mentalmente o mapa do espaço onde ocorrem as festividades.

De acordo com Santos (1994, p. 15) “o espaço pode ser visto num sentido absoluto, como uma coisa em si, com a existência específica, determina de maneira única”.

Ou seja, o espaço não é algo indiferente ou que não tenha relação com o ser humano, um preenche o outro conforme o movimento populacional, o homem necessita do espaço para sobreviver e o ambiente é modificado e moldado conforme o interesse de quem os habita “o espaço é, de certa forma, “dado”, como se fosse uma matéria-prima” (RAFFESTIN, 1993, p. 4).

Para o ser humano o espaço construído é o espaço vivido é por meio de relações de trocas que o ambiente é formado. É nesse local que as pessoas manifestam suas emoções e se identificam com elas, pois o espaço é um palco de acontecimentos, ali ocorrem manifestações sociais e que geralmente são de interesses coletivos.

Na concepção de Raffestin (1993, p. 147):

Não se trata, pois do ‘espaço’, mas de um espaço construído pelo ator, que comunica suas intenções e a realidade material por intermédio de um sistema sêmico. [...] É, em suma, o espaço que se tornou o território de um ator, desde que tomado por uma relação social de comunicação.

E em volta desse turbilhão de emoções que ocorrem no espaço vivenciado, que as comunicações são necessárias, o encontro de diferentes acontece e as interações são transmitidas com muita rapidez. “O lugar torna-se o espaço de relações entre os diferentes, pois nele se dá o encontro físico e interação entre indivíduos de diversas temporalidades” (LE BOURLEGAT, 2006).

Portanto, o espaço é algo que está em constante mudança, tomando novas formas conforme a necessidade da reprodução humana, onde o sujeito se situa e transforma o lugar em formas de apropriação do espaço.

Raffestin (1993, p. 143) enfatiza que:

O espaço é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apodera.

O ser humano se relaciona com o outro e interage conforme a necessidade de interesses que abrange a parte emocional, o coletivo e assim vai se formando o espaço de interações.

No enfoque de Santos (1988, p. 25), o espaço pode ser compreendido da seguinte forma:

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos, não entre estes especificamente, mas para os quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais.

Nas palavras escrita por Santos, as relações humanas se dão por meio do resultado da ação do homem com o meio do qual ele vive, as festas realizadas no espaço compreendido pelo homem é o resultado da ação desenvolvida e afirmada. Na concepção de Amaral (2001, p. 08).

As festas ocupam um espaço privilegiado. [...] Tem sido desde o período colonial, um fator constitutivo de relações e modos de ação e comportamento, ela é uma das linguagens favoritas do povo brasileiro. Para ela são traduzidas muitas de suas experiências, expectativas de futuro e imagens sociais. [...] É ainda o modo de se resolver, ao menos no plano simbólico, algumas das contradições na vida social, revelando-se como poderosa mediação entre estruturas econômicas, simbólicas e míticas e outras, aparentemente inconciliáveis.

Por meio dessa concepção, a população da Colônia Pulador se reveste dessa teoria para desenvolver seu potencial, a Festa da Farinha é uma forma de manifestação nordestina que se assemelha com faz grandes festas da região nordestina.

A Festa da Farinha acontece no Município de Anastácio – MS por força de uma comunidade que desperta a solidariedade permitindo a construção de uma unidade interativa entre seus membros (PIERSON, 1968)

Percebe-se que a comunidade é vista como um círculo de pessoas que vivem juntas, reforçando que uma ação organizada é condição essencial para o sucesso de ações que impulsionem o desenvolvimento local. (PIERSON, 1968)

Castells (1999) estabelece que as identidades devam ser formadas culturalmente, cujo significado e uso podem ser compartilhados e marcados por códigos específicos de auto-identificação. Verifica-se este tipo de compartilhamento ocorre de forma concreta nas relações do grupo destacado no presente estudo.

Entende-se que as pessoas podem constituir identidades se readaptando ao local que não seja o seu de origem, mas sem deixar a essência da originalidade desaparecer. Isso

ocorre a partir da interação que a comunidade encontra com o convívio diário e de suas locais bem estruturadas.

Em outro aporte, Hall (2004, p. 71) ressalta que as mudanças nas identidades pessoais (sujeitos) estão transformando as sociedades, uma vez que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes de deslocamento ou descentração do sujeito.

Desta feita a comunidade da Colônia Pulador tem apresentado um processo de transformação fundamental e abrangente no contexto da sociedade moderna.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DE ANASTÁCIO-MS

A cidade de Anastácio está localizada na região Centro-Oeste do Brasil em Mato Grosso do Sul. A população segundo o IBGE (2010) é de 23.835 habitantes, censo de 2010 e a área de unidade territorial é de 2.949, 135 Km². A localização do município fica a médio curso do Rio Miranda e faz divisa com as cidades de Aquidauana, Nioaque, Miranda, Bonito, Dois Irmãos do Buriti e Maracaju (IBGE, 2010).

Mapa 1 - Localização da cidade de Anastácio no Estado do Mato Grosso do Sul.



Fonte: Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 14 maio 2011.

Há um envolvimento histórico ao se tratar a história da cidade de Anastácio intimamente ligada à cidade de Aquidauana. As cidades são separadas por um rio que também leva o nome da cidade vizinha, o Rio Aquidauana. O local situado a 132 km da capital Campo Grande foi fundado em 1892, por fazendeiros que buscavam um melhor caminho para escoar

gado e manter comunicação com Campo Grande e Corumbá, essas cidades nesse período tinham maior ascensão econômica da região.

Conforme afirma Neves (2007, p. 77).

O local escolhido deveria possuir as vantagens de Miranda, no tocante à comunicação fluvial com Corumbá. [...] deveria se situar, junto ao rio, em um ponto onde ainda houvesse condições de navegação, e a partir do qual, do mesmo modo, as comunicações por terra com Nioaque e Campo Grande continuassem viáveis, mesmo na época das cheias, [...] para garantir aos poucos povoados da área, um sistema de comunicação que pudesse ser utilizado durante o ano todo.

No período em que ocorreu a Guerra do Paraguai de 1864 a 1870, o fluxo migratório para essa região foi intenso, tanto do lado paraguaio como do próprio Brasil. O local onde hoje se concentra a comunidade nordestina teve como destaque um importante episódio da história sul mato-grossense a Guerra do Paraguai. O local em questão é o Morro Azul, que encantou autores e compositores de poemas, memórias e canções. Moradores do entorno da cidade fugiam com suas famílias para se proteger das tropas paraguaias, como relata Menegazzo (2011, p. 73):

As notícias chegavam a cavalo, com meses e meses de atraso. É com a chegada de um desses cavaleiros, o tenente Bandeira, que a guerra entra na história do Morro Azul, anunciando a chegada da tropa paraguaia e exortando o povo para a fuga.

Identifica-se que muitos participantes da Guerra do Paraguai, se estabeleceram na região que hoje pertence ao Estado de Mato Grosso do Sul, por ser uma região propícia ao desenvolvimento da criação de gado e também para o plantio agrícola. Nesse contexto diversos contos e histórias foram criados colocando o local do Morro Azul como sendo algo misterioso e lendário.

Em outras palavras Valério (2002, p. 81) enfatiza que:

Dizem os mais antigos, que esses monumentos naturais guardam, em suas entradas, segredos inescrutáveis, como: botijas de ouro, e outras pedras preciosas, e documentos históricos. Foram ali colocados por famílias e padres fugitivos da Guerra do Paraguai.

Esses monumentos naturais como Chora-Chora e Morro do Chapéu, ficam bem visíveis para quem chega à cidade, pois contempla a BR 262 que liga a capital Campo Grande

e Anastácio. O belo cenário segundo as crendices populares guarda grandes segredos, pois serviu de esconderijo para muitos durante a Guerra do Paraguai.

A cidade recebeu imigrantes e migrantes no começo do século XX, período em que o fluxo migratório foi intenso principalmente para o interior do Brasil motivado por várias circunstâncias e o principal foi à busca por sobrevivência e melhor condição de vida.

O processo migratório que marca o país em um determinado período da história brasileira faz parte da ideologia inserida no contexto que vive o nordestino. Em razão da situação precária de vida e esquecidos na região de origem, o nordestino buscou em outro território o anseio por condição melhor de sobrevivência. É o caso dos migrantes instalados na região de Anastácio.

Apesar de vários emigrantes terem se instalado na mesma região e tiveram sua parcela de contribuição para a construção do então sul de mato grosso, mais especificamente a cidade de Anastácio o foco principal da pesquisa são os migrantes nordestinos vindos de Pernambuco direto para as terras pantaneiras para refazer uma nova história de vida.

Valério (2002, p. 17) assinala que:

[...] eram geralmente, emigrantes de outros países, particularmente da Itália, e migrantes de outros Estados da federação. Os primeiros quase sempre fugindo da guerra, e os outros das dificuldades encontradas em seus Estados de origem, para se desenvolverem social, econômica e culturalmente. Poucos procuravam aventuras.

A cidade de Anastácio era considerada uma extensão da cidade vizinha, pois toda concentração econômica e comercial se dava do lado direito da margem do rio, ou seja, a cidade de Aquidauana. Anastácio era chamado de margem esquerda.

Como foi relatado antes, o local foi criado para melhor atender a população do lugar, por meio do transporte fluvial. O benefício econômico era tanto do lado direito quanto do lado esquerdo do rio, a margem esquerda que fica do lado de Anastácio foi um ponto estratégico para escoamento de mercadorias que eram transportadas por embarcações que saiam de Miranda. Com isso, a vila como era conhecida conseguia manter o pequeno vilarejo. Atualmente pode-se verificar a ponte chamada popularmente de Ponte Velha, que liga os municípios de Aquidauana e Anastácio.

Em torno de 1914, a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil chega ao então Estado de Mato Grosso hoje Mato Grosso do Sul, e seus trilhos passam dentro da cidade de

Aquidauana declinando todo o meio econômico que sustentava o local, as embarcações fluviais. Com a chegada desse meio de transporte que na época era considerado o mais veloz, aos poucos, o transporte fluvial que era o pilar econômico do lugar foi se diminuindo, fazendo com que a população de Anastácio buscasse outra forma de sustentação (MARTINS JUNIOR, 2009).

Com o passar do tempo, a rivalidade surgiu entre os dois municípios, levando a cidade de Anastácio a pedir a emancipação do seu espaço, alegando estarem sendo prejudicadas pela gestão administrativa da margem direita.

Com isso, Anastácio recriou-se e se tornou independente com sua própria administração e setor econômico. No início os emigrantes como já foi citado foram os precursores para o desenvolvimento do município, dentre eles pode-se citar Vicente Anastácio, um comerciante de origem italiana e de renome na cidade ao lado de tantos outros que se destacaram na área comercial.

O nome da cidade foi em homenagem a ele, que se instalou na região no final do século XIX, algumas fontes citam essa pessoa como sendo o primeiro morador da cidade de Anastácio (MARTINS JUNIOR, 2009).

A história do povoamento na cidade de Anastácio juntamente com a história de Mato Grosso do Sul é datada desde o século XVI, por isso, determina-se um recorte a partir do final do século XIX, para manter o foco principal da pesquisa, que é a chegada e a apropriação do território por parte dos migrantes nordestinos (CORRÊA, 1999).

Os primeiros a chegarem à cidade são datados de 1870 vindo por conta própria e fugindo da seca nordestina. Por volta de 1940 intensifica-se a migração com o incentivo da marcha para o oeste promovido por Getúlio Vargas. Dessa feita, com a emancipação de Anastácio que ocorreu em 18 de março de 1964 Anastácio já tinha influência cultural nordestina na cidade (VALÉRIO, 2002).

A região centro-oeste representava nesse período no começo do século XX, a riqueza, por conta da grande extensão territorial e facilidade como o manejo de gado, um solo fértil para o plantio de mandioca, incentivando assim o cultivo do produto tão peculiar por parte dos nordestinos.

Conforme fontes escritas no livro de memória de Cláudio Valério, o primeiro migrante nordestino que chegou à região chamava-se Clementino da Silva (2002, p. 46):

O primeiro nordestino que se tem notícia deve ter chegado, nessas plagas, no início do século passado, possivelmente, no início da década de 20. Chamava-se Clementino da Silva. Era pernambucano sertanejo. Casado com a Sr^a Donzinha. Fixou residência no lugarejo chamado de Chora-Chora, bem no pé do Morro do Chapéu, elevado da Serra de Maracaju. Foi também, comerciante por algum tempo [...]

Esses monumentos naturais como Chora-Chora e Morro do Chapéu (Foto 3), ficam bem visíveis para quem chega à cidade, pois contempla a BR 262. O belo cenário segundo as credícies populares guarda grandes segredos, pois serviu de esconderijo para muitos durante a Guerra do Paraguai, pois foi nesse local que muitos se refugiavam.

Foto 1 - Morro do Chapéu



Fonte: Disponível em: <www.luamansa.com>. Acesso em. 14 maio 2011.

O deslocamento de pessoas de um lugar para o outro, trazendo com eles costumes e cultura diferenciados do lugar escolhido para viver, causa no primeiro momento a impressão de não adaptação. Porém o lugar escolhido é apenas um território a ser explorado e o espaço existente vai sendo moldado conforme os costumes e convivência dos habitantes, o lugar se faz a partir do interesse em se adaptar, com interesse em se desenvolver e no caso dos migrantes nordestinos se readaptarem.

A forma de vivenciar o lugar, de moldá-lo vai ser construída no dia-dia, e não importa o local onde essa manifestação está sendo realizada, pois a cultura ela está embutida na pessoa, são agregações inseridas no seu interior desde a infância. A comunidade que consegue passar para seus descendentes os costumes e tradições e mantê-las, tem o desenvolvimento local bem desabrochado. Entretanto, de acordo com Yazigi (2009, p. 15) “seja por herança colonial, seja por criatividade recente, muitas cidades ainda detêm

patrimônios dignos de ser preservados, mesmo que careçam de identidade espacial vinculada à terra". Identifica-se nesse contexto, que os habitantes da Colônia Pulador têm trabalhado para preservação do patrimônio cultural por meio da Festa da Farinha.

É exatamente neste contexto, que a comunidade nordestina existente na zona rural da cidade de Anastácio, manifesta sua cultura por meio da culinária e festas sagradas e profanas. A festa mais popular voltada para a comunidade nordestina é a Festa da Farinha que há alguns anos vem se destacando no cenário cultural do Estado do Mato Grosso do Sul e já esta inserida no calendário estadual como manifestação cultural. O primeiro evento intitulado Festa da Farinha foi realizada em 2006.

Por outro lado, Yazigi (2009, p. 411) explica que:

Para a que haja um turismo sustentável com inserção social, dever-se-ia colaborar com o aperfeiçoamento dos destinos de todos e outros pontos de vista que possam reforçar a sustentabilidade. A forma de gerenciar o turismo social, em suas diversas manifestações, poderá ser a pedra angular de melhor uso dos territórios.

O turismo popular é evidenciado na referida festa, uma vez que tem características próprias onde se fomenta a recreação, a cultura (artesanato), as tradições e aspectos da culinária (farinha).

3 A FESTA DA FARINHA NA CIDADE DE ANASTÁCIO-MS

A festa teve início em 2006 com o objetivo de incentivar a renda dos trabalhadores rurais da Colônia Pulador e todo o entorno. O evento é realizado na Avenida Porto Geral, sendo que a característica da festa é em formato de feira. O local possui todas as acomodações necessárias para os turistas e comunidade local, com banheiros químicos, vários portões de entrada e saída, seguranças particulares e policiais militares. Nos dois dias que seguem a festa, os trabalhadores têm a oportunidade de expor suas comidas típicas nordestinas como, tapioca, paçoca de carne seca, biju, bolinho de folha de mandioca, e muitas outras preferencialmente derivadas da farinha de mandioca (Foto 4).

Foto 2 - Preparação da tapioca na Festa da Farinha em Anastácio -MS - 2011



Foto: Lucimara Nascimento da Silva/2011.

Durante a festa, os colonos e comunidade local, fomentam sua renda por conta da crescente participação de visitantes, além das barracas com comidas. No centro da festa existe

a reprodução da Casa de Farinha, onde é produzida artesanalmente a farinha de mandioca para consumo dos visitantes.

Um dos atrativos principais do evento, é a gastronomia, como menciona Trevisan (2009, p. 4):

Com relação à promoção da cultura e da gastronomia nordestinas que são encontradas na localidade (devido os migrantes nordestinos) observa-se que esse objetivo do evento é atendido, pois dentre as motivações levantadas pela demanda são principalmente a gastronomia [...].

Dessa forma, podemos perceber que durante o evento, a sustentabilidade em torno do trabalho dos colonos, é visível. A geração de renda para a comunidade torna-se algo indispensável nesse período além de promover o desenvolvimento, pois com a divulgação do trabalho dos colonos na Festa da Farinha, houve um aumento nas vendas da farinha torrada durante o decorrer do ano para as cidades do entorno. As vendas acontecem nas feiras semanais, onde os trabalhadores da comunidade vendem seus produtos sendo que farinha torrada é um atrativo a parte.

Com relação à festa, Lanzarini (2009, p. 24) dimensiona que:

[...] tem por objetivo valorizar a cultura da comunidade nordestina, principalmente na Colônia Pulador, e divulgar a produção artesanal da farinha de mandioca, [...] fomentar a geração de renda na agricultura familiar.

Os objetivos dos organizadores em valorizar a cultura nordestina foi atingido. A maioria dos entrevistados busca no interior da festa a autenticidade, que fica por conta das apresentações de shows, não só da representação de Maria Bonita e Lampião que tem marcado presença em todas as edições, como também do saco de farinha gigante, que é uma das principais atrações da festa.

A festa foi idealizada para promover o desenvolvimento da população local e da comunidade de migrantes nordestinos, por meio da produção artesanal da farinha de mandioca fomentadora da renda e divulgadora da cultura nordestina. A intenção foi expandir o mercado consumidor dos produtos produzido na Colônia Pulador, e com isso estimular o trabalho dessa população, que vive no território pantaneiro à quase um século e tem o sentimento de pertencimento local.

Para tanto, foi criada a Cooperativa dos Produtores Rurais de Anastácio (COOPRAN), destinada especificamente a atender os anseios dos trabalhadores rurais, por

meio desse órgão a comunidade nordestina obteve um crescimento econômico relativamente grande. Todos os anos, as carteiras dos trabalhadores são fiscalizadas pela Vigilância Sanitária, facilitando assim a venda dos produtos para fora do município de Anastácio.

Em seguida foi criada a Lei Complementar nº 54, em 6 de abril de 2011, que trata do Serviço de Inspeção Municipal (SIM), a lei foi destinada a atender todo o município de Anastácio, no que se refere aos serviços voltados para desenvolvimento sustentável sobre todos os produtos de origem animal e vegetal, sendo comestíveis ou não. Dos requisitos que atendem especificamente os trabalhadores da comunidade nordestina e fabricantes de farinha torrada são:

Artigo 1º - O Serviço de Inspeção Municipal, referido neste artigo será exercido relativamente ao estabelecimento dos preceitos constantes na Lei Federal nº 8.171, de 17 de janeiro de 1991, e suas alterações, na Lei Estadual nº 1.232, de 10 de dezembro de 1991, e no Decreto Federal nº 5.741, de 30 de março de 2006, e as alterações dos seus anexos através do Decreto 7.216, de 17 de junho de 2010, e de acordo com a Lei Municipal nº 014/80.

- a) Nos estabelecimentos industriais especializados, nas propriedades rurais e nos estabelecimentos agroindustriais rurais de pequeno porte com instalações adequadas para abate de animais ou processamentos de vegetais, seu preparo ou industrializações, sob qualquer forma, para consumo;
- c) Nas usinas de beneficiamento de leite, nas fábricas, nos postos de recebimento, refrigeração e desnatagem do leite ou de recebimento, refrigeração e manipulação dos seus derivados e nos respectivos entrepostos;
- f) Nas propriedades rurais;

Artigo 2º - Estão sujeitos à inspeção prevista nesta Lei complementar:

III - leite e derivados;

VII - produtos vegetais e seus derivados;

Artigo 3º - Lei complementar, terá como objetivo fiscalizar, inspecionar, normatizar e classificar os produtos de origem animal e vegetal, sob o ponto de vista higiênico-sanitário e industrial e deverá abranger:

I - as condições de higiene de produção, manipulação, beneficiamento, armazenamento e transporte dos produtos;

II - a qualidade e as condições técnico-sanitárias dos estabelecimentos responsáveis pela produção, manipulação, beneficiamento, acondicionamento, armazenamento, transporte e/ou distribuição dos produtos;

III - as condições de higiene das pessoas que trabalham no s estabelecimentos que produzem, manipulem, beneficiem, acondicionem, armazem ou distribuem os produtos;

IV - o controle do uso de aditivos empregados na industrialização, do material utilizado na manipulação, acondicionamento e embalagem do produto;

Essa Llei foi criada com o objetivo de atender com mais rapidez a demanda de pedidos feitos à comunidade, pois com a divulgação do trabalho durante a festa cresceu consideravelmente a procura pelos alimentos, principalmente os derivados da mandioca feitos

pela comunidade nordestina. O desenvolvimento local procura interagir todas as potencialidades existentes, portanto além do produto principal que é a mandioca, os trabalhadores também comercializam ovos, leites e hortaliças.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento local pode ser conquistado por meio da organização e interação da comunidade e a festa trouxe para os moradores a autoestima necessária para que conseguissem superar várias dificuldades que são comuns em organizações que envolvem muitas pessoas. A tradição que permanece junto ao grupo é um requisito favorável para que se tenha união do grupo e respeito pelo local. A memória coletiva mantida pelo grupo é pertinente para o desenvolvimento local, tanto no contexto histórico quanto o simbólico.

A festa para a comunidade representa a lembrança do lugar que eles deixaram para traz há mais de um século para se aventurar em terras desconhecidas, portanto essa permanência envolve o grupo em um sentimento de pertença pelo lugar. Esse sentimento somente é alcançado pela tradição mantida pelo grupo.

As festas e rituais sejam de características sagradas ou profanas sempre caminhou lado a lado com o ser humano, desde a pré-história. Homens e mulheres se juntavam para agradecer a vasta produção de alimentos recolhidos em determinado período do ano, assim pode-se dizer que as festas tiveram sua origem por meio desses rituais de agradecimentos. Del Priore (1994, p. 13) enfatiza que:

A periodicidade da produção agrícola induziu o homem em determinadas épocas de semeadura e colheita a congregar a comunidade para celebrar, agradecer e pedir proteção. As festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações [...].

Acontecimentos festivos movidos por pessoas que convivem no mesmo grupo comunitário, tendem a se tornar uma ponte imaginaria com o tradicional e mantem viva a cultura do grupo. A Festa da Farinha da cidade de Anastácio (Foto 5) é um acontecimento que envolve duas culturas: a pantaneira e a nordestina, com um enfoque maior à cultura nordestina, pois é a forma que os migrantes encontraram para manifestar sua cultura que perpassa séculos, “[...] que a sociedade só pode ser percebida como algo concreto, quando alguém fala por ela; ou, em outras palavras: quando ela se manifesta através de alguma coisa” (DAMATTA, 2011).

Por meio da festa, a comunidade encontrou uma forma alegre e contagiante de demonstrar à população da região, a cultura nordestina, “a festa exprime e torna presente, de

modo palpável, a finalidade da comunidade” (VANIER, 1982, p. 274). Sendo assim, a Festa da Farinha (Foto 5) nada mais é que a manifestação cultural do povo nordestino para que junto dos seus descendentes possam ter a sensação de estar no seu local de origem aproximando-os e estimulando os integrantes da comunidade, fazendo surgir à vontade de trabalhar e produzir.

Foto 3 - Movimentação na Av. Porto Geral local da Festa da Farinha em Anastácio-MS-2011 (A)



Foto 4 - Movimentação na Av. Porto Geral local da Festa da Farinha em Anastácio-MS-2011 (B)



Fotos: Lucimara Nascimento da Silva/2011.

A realização do evento é recente, em 2013 será realizada a 8º edição. Em anos anteriores a notabilidade da festa e a credibilidade foram aumentando o prestígio tornando-a um acontecimento turístico e de desenvolvimento local, ganhando espaço no calendário cultural do Estado do Mato Grosso do Sul. A idealização da festa partiu de Cláudio Valério (*in memoriam*), figura importante para a população de migrantes dessa região por ser descendente e ter morado junto aos colonos. O idealizador foi prefeito da cidade por quatro mandatos. A festa é sempre realizada no mês de maio juntamente com o aniversário do município fomentando assim a renda local na área urbana da cidade.

A ideia principal da manifestação é a representação cultural do povo nordestino, povo que por séculos vive na zona rural do município e encontra nesse território uma forma de recomeço, já que a grande maioria saiu do seu local de origem normalmente em busca de mudança e sobrevivência.

Nas últimas décadas, a valorização em torno da cultura e sua dimensão está sendo abordada em diferentes meios, por diversos autores. Esta pode ser definida como a manifestação de uma determinada sociedade e também a identificação de um grupo, por meio de símbolo, crenças religiosas, festas tradicionais e etc. São essas relações sociais estabelecidas que contribuem para os valores de um grupo ou comunidade.

O pensamento em torno da valorização cultural sendo agregado junto ao sentimento de pertença começou a partir do século XVIII, até esse período toda a Europa era regido por sentimentos religiosos e monárquicos. Havia entre os povos grupos com línguas e tradições diferenciadas, mesmo sendo culturalmente diferentes um dos outros não deixavam de ser fiéis a um único rei (FUNARI, 2006).

Ainda segundo o autor acima citado (2006, p. 14):

Esses súditos não falavam a mesma língua, não possuíam tradições comuns, nem eram iguais uns aos outros [...] Cada caso tinha suas particularidades, mas essa situação ocorria em toda a Europa [...].

Assim iniciam os conceitos de cultura e também valorizam os bens patrimoniais de um povo, a valorização dos bens materiais e imateriais começa por grandes monumentos e se estende a uma simples forma de dançar de uma comunidade.

A força de uma comunidade se manifesta por meio da luta diária, enfrentando os problemas normais do dia a dia, mas é o reconhecimento cultural que os identifica afirmados como um povo e suas raízes. A herança cultural é transmitida de geração para geração, por meio do convívio são acrescentados formas de falar e expressar, artesanatos que é o saber fazer, repassando-os de forma tradicional.

É importante enfocar que o valor cultural de um povo tem o poder extremamente importante de aproximar os vínculos sentimentais, elevando e potencializando o grupo.

A cultura tem como objetivo identificar as pessoas e aproximar ou afastar indivíduos conforme o interesse gerado. É, portanto a base que sustentará o convívio do homem em sociedade.

Na concepção de Barros (2007, p. 2):

A cultura é a estância onde o homem realiza sua humanidade. Como fenômeno anterior e exterior ao indivíduo, a cultura realiza-se quando incorporada e tornada identidade. Nessa linha de raciocínio é possível afirmar que não existem culturas estáticas, existe sim, sociedade em que o lembrar ocupa uma centralidade estruturante [...].

O lugar é o espaço onde se entrelaçam diferentes formas de pensar, de agir e traz conhecimento, pois é nesse ambiente que acontecem às trocas e também é o lugar que os laços afetivos se afirmam.

Historicamente muitos intelectuais abordaram sobre o conceito de lugar, a exemplo disso Aristóteles em sua obra denominada Física, nela ele conceitua que lugar é o limite que circunda o corpo. Ou seja, é um interagindo com o outro, a sociedade em movimento com o lugar. (ARISTÓTELES, 1970).

A era da informação ao qual a humanidade passou a vivenciar a partir do final do século XX impõe que, o local deixou de ser algo imutável por falta de informação. Na atualidade, tudo muda constantemente, conforme a necessidade da população.

Na concepção de Santos (1996, p. 9):

Hoje a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa.

Apesar de o lugar deixar de ser imóvel, a preservação da tradição e da memória valoriza e ajuda a comunidade local a ter sentimento de pertença, fazendo com que as potencialidades desabrochem com muita naturalidade e por mais que informações transitem pelo local, os laços de sentimento e tradição permanecem.

No mundo globalizado, exige-se a circulação de informação para que esse lugar se torne competitivo no mercado capitalista. Mas, o lugar que consegue preservar suas tradições e costumes faz com que as trocas primárias de conhecimento e experiência se tornem inevitável, pois o lugar está ligado a relações cotidianas.

E por meio dessa ligação e troca de experiência que os laços de sentimento de pertencer ao local tornam-se forte, fazendo com que o indivíduo se identifique com o meio e o desabrochamento é natural para o desenvolvimento coletivo.

Dessa forma, o lugar é no ambiente onde se dá a troca de experiência e a identidade é construída com o cotidiano, pois as vidas são desenvolvidas a partir dessa dimensão das relações humanas.

Trata-se de envolvimentos afetivos que ocorrem no lugar, por meio de trocas de experiência e convívio no local. E esses envolvimentos somente ocorrem se todos estiverem

unidos por um laço de sentimento de pertença pelo lugar e unidos por interesses comuns e intenções únicas.

No ambiente que as trocas de conhecimento são aceitáveis e percebidas o desenvolvimento e a comunicação são constantes, fazendo com que seja proporcionado o aprendizado e a inovação.

Le Bourlegat (2006, p. 2) observa que:

[...] o lugar se apresenta como um mundo individual e particular de quem nele vive e compartilha a vida com os outros. [...] O lugar é espaço percebido pela inteligência intuitiva e coloridos por sentimentos nutridos pelos indivíduos e coisas que dele fazem parte.

A construção da identidade do indivíduo com relação à comunidade ao qual pertence é produzido historicamente por meio de memórias internas que são transmitidas de geração para geração.

O lugar produz o envolvimento em todas suas dimensões gerando assim o sentimento de pertença e isso se dá por meio do sentimento emocional do indivíduo com tudo que envolve o lugar.

A estrutura de festa é em forma de feira, onde os trabalhadores pertencentes na sua maioria à Colônia Pulador divulgam seu trabalho da seguinte forma: gastronômica, artesanal e artística. As comidas típicas nordestinas é a atração mais procurada pelos visitantes, que em dois dias de festa podem apreciar a gastronomia nordestinas fazendo com que a interação social por meio da culinária aproxime público e trabalhadores nordestinos da colônia. Também se destacam no evento as representações teatrais que muito chama a atenção dos visitantes (Foto 5).

Foto 5 - Representações da Maria Bonita - Festa da Farinha em Anastácio-MS - 2011

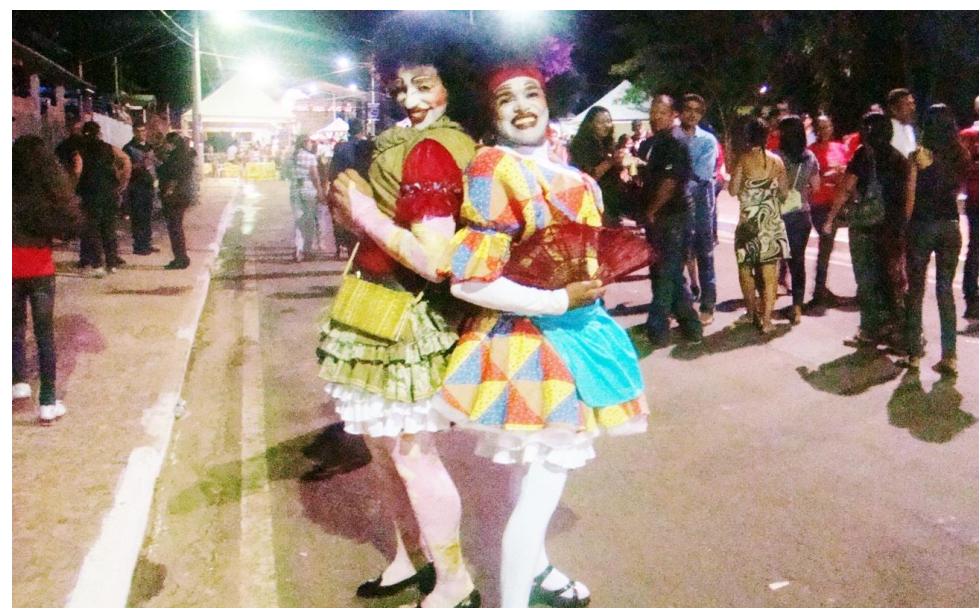


Foto: Lucimara Nascimento da Silva/2011.

A organização social de um grupo se forma por meio da cultura, que é manifestada em um território habitado por um grupo ao longo do tempo, vai se adaptando e reconstruindo sua identidade, como é o caso dos migrantes nordestinos que vivem na cidade de Anastácio. A comunidade encontrou na Festa da Farinha a representação do seu povo, e ao longo das décadas foi se aperfeiçoando no manejo com a farinha de mandioca conforme as condições encontradas, pois apesar de estar em local propício para o plantio do produto, a forma de produção é típico nordestino.

As festas sempre promoveram grande movimentação em qualquer sociedade, seja de caráter sagrado ou profano elas sempre tiveram papel de destaque e de promoção. Existem várias interpretações para esse tipo de manifestação.

Vanier (1982, p. 274) aponta que:

A festa é alimento, revitaliza. Torna presente, simbolicamente, a finalidade da comunidade e, como tal, estimula a esperança e da nova força para retomar com mais amor à vida cotidiana.

Nesse contexto a Festa da Farinha é revitalizada anualmente, onde a participação da comunidade rural e urbana se integra e desenvolve atividades conjuntas para o sucesso do evento.

Nessa abordagem Brandão (1989, p. 8) enfatiza que:

[...] a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem. O lugar simbólico onde ceremonialmente separam-se o que deve ser esquecido e, por isso mesmo, em silêncio não festejado, e aquilo que deve ser resgatado da coisa ao simbólico, posto em evidência de tempos, comemorado, celebrado.

Assim, pode-se afirmar que uma festa movida no seu espaço e lugar, aflora toda a parte sensível dos envolvidos, onde tudo que não é para ser lembrado é tirado do meio da celebração, é o momento onde todos são iguais.

Para tanto as homenagens ao homem nordestino fica evidente em todo o decorrer da festa, como ilustra a imagem a seguir (Foto 6).

Foto 6 - Representação da cultura nordestina na Festa da Farinha em Anastácio-MS - 2011



Foto: Lucimara Nascimento da Silva/2011.

Dessa feita, a Festa da Farinha vem ao encontro da necessidade que a Colônia Pulador almejava para todos os segmentos da comunidade: econômico, social, cultural.

3.1 A FESTA NO CONTEXTO LOCAL

O território é uma organização do espaço. Nesse ambiente são estabelecidas as funções e a demarcação no sentido de pertencer ao território. É por meio da tradição e cultura que o grupo consegue manter e resistir a muitos conflitos gerados em torno da comunidade. SANTOS (2007, p. 13) assinala que:

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir de manifestações da sua existência.

Portanto, o território é uma reordenação do espaço, é nesse ambiente que as manifestações de identidades se afloram. O sujeito ao assumir como seu o território vivido, ele já se sente enraizado no local, pois no território se entrelaça todo tipo de relação humana e sentimento de pertença. A definição de como esse espaço territorial será regida, depende do tempo histórico.

Santos (1994, p. 1) dimensiona que:

Antes, era o Estado, afinal, que definia os lugares [...]. O território era a base, o fundamento do Estado-Nação, que ao mesmo tempo, o moldava. Hoje, quando vivemos uma dialética do mundo concreto, evoluímos de noção, tomada antiga, de Estado Territorial para a noção pós-moderna de transnacionalização do território.

Nesse contexto, o território deixa de ser um lugar limitado por um determinado grupo de pessoas, uma vez que vivemos na era da informação e tudo é produzido muito rápido. Apesar de toda essa globalização, cada lugar tem suas particularidades e individualidade. Cada lugar é a sua maneira, o mundo (SANTOS, 1999).

Nesse prisma, que envolve a migração nordestina para o sul de Mato Grosso surge entre as pessoas a necessidade de produção de subsistência. Na atualidade, o conceito de desenvolvimento local está sendo debatido com muita clareza e precisão, mas sem saber, a comunidade que migrou para esse local, na sua urgência em recomeçar a vida, já fazia o desenvolvimento local.

Neste sentido, também se destaca a lição de Junqueira (2000, p. 118):

Desenvolvimento Local é entendido como um espaço dinâmico de ações locais, tendo como pressuposto a descentralização, a participação comunitária e um novo modo de promover o desenvolvimento que

possibilita o surgimento de comunidades capazes de suprir suas necessidades imediatas, descobrindo ou despertando para suas vocações locais e desenvolvendo suas potencialidades específicas.

Pode-se compreender que, a comunidade no início de suas instalações em terras pantaneiras procurou desenvolver dessa forma, buscando alternativas que melhorasse a condição de vida das pessoas, trabalhando na agricultura de subsistência (VALÉRIO, 2002).

A comunidade ao longo dos anos aumentou consideravelmente sua população, parentes e amigos que ficaram no nordeste, logo migraram para o território conquistado todos em busca de melhores condições de vida.

Apesar de estar em um ambiente diferente do seu local de origem, o sentimento de pertencer a aquele território cresce na medida em que as pessoas envolvidas se entregam e se adaptam ao local habitado.

A comunidade aos poucos se constrói, começa com um determinado grupo de família, que saindo de suas terras de origem, principalmente no começo do século XX onde a migração para o interior do Brasil foi intenso, tornando o espaço em comunidade e de relacionamento para sobreviverem.

Os laços do individuo com a comunidade se entrelaçam por meio de ligações afetivas, tradicionais e até emocionais. Weber (1987, p. 77) esclarece que:

Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal baseia-se em um sentido de solidariedade, o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes.

Assim, como em qualquer ambiente social, é normal surgirem conflitos e discordâncias, mas o sentimento de comunidade tem relação com a solidariedade, viver de forma comum a todos. Portanto o sentimento de pertença nasce a partir desse laço afetivo existente no local de convivência, onde o individuo se sente parte de um todo, onde ele participa e agi junto com o grupo pela mesma finalidade.

3.1.1 Organizadores e participantes

Os participantes são de vários lugares da região como: Miranda, Nioaque, Bodoquena, Bonito e Corumbá e visitantes de outros Estados como São Paulo, Santa Catarina se faz presente na festa.

Os organizadores do evento se preocupam com a qualidade dos produtos expostos durante os dois dias de festa, por conta disso são oferecidos aos trabalhadores rurais treinamentos qualificados e é realizado dias antes da festa, para que os visitantes e trabalhadores saem satisfeitos.

O treinamento é feito junto ao Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE de MS, onde ensinam as técnicas de manejo dos alimentos para que sejam oferecidos produtos de qualidade, e todo o processo de aprendizagem são gratuitos, os trabalhadores aprendem a manipular os alimentos e atendimento ao público (LANZARINI, 2009)

Os envolvidos na organização da festa usam uniformes durante os dois dias de festa e os trabalhadores que vendem seus produtos nas barracas utilizam uniformes padronizados para diferenciá-los, pois a equipe de Vigilância Sanitária fiscaliza até no momento da festa (Foto 7).

Foto 7 - Área das Barracas na Festa da Farinha em Anastácio-MS - 2011



Foto: Lucimara Nascimento da Silva/2011.

3.1.2 O Artesanato e a culinária

A alimentação na festa é o quesito principal, a percepção por meio da degustação de quitutes do nordeste é a essência da troca de informação que o visitante procura. Em toda festa a parte de alimentação típica do local é o atrativo principal buscado pelo público. Um dos fatores que remete a essas delícias é o contexto cultural que o envolve.

Os trabalhadores rurais da Colônia Pulador vêm realizando esse evento há sete anos, durante a Festa da Farinha e ao longo do ano a farinha torrada é comercializada por toda a região do em torno de Anastácio. As comidas típicas preparadas pelos nordestinos aproximam o público a sua cultura.

Além da gastronomia os trabalhadores comercializam vários tipos de artesanatos com representação cultural nordestino como os chapéus de couro, objeto muito utilizado pelos nordestinos e os cordéis.

3.1.3 O lazer e participação popular

O lazer fica por conta das várias atrações realizadas durante os dois dias de evento. No primeiro dia é apresentado o saco de farinha gigante, que em 2010 foi inscrito no livro do *Guines Book* como sendo o maior saco de farinha, e as atrações musicais locais de renome nacional, onde o palco para a realização dos shows fica lotado de pessoas até o final das apresentações.

A decoração do evento também é um atrativo, pois as tonalidades das cores ficam entre o marrom, verde e creme, simbolizando a essência do produto e a aparência da região do nordeste (LANZARINI, 2007).

A forma de divulgação é por meio de panfletos, rádios, *internet*, *outdoor*, televisão, jornais impressos e toda essa movimentação de propaganda são feita antecipadamente.

Os organizadores que ficam responsáveis pela divulgação do evento começam a lançar as atrações com um mês de antecedência, para que todos os visitantes e moradores da região se contagiem e esperam ansiosos pela manifestação festiva.

A festa faz com que todos extravasem os anseios, como afirma Vanier (1982, p. 273):

A festa é uma experiência comum de alegria, estar junto e dá-se graças pelo dom que nos é dado. A festa alimenta os corações, dá de novo esperança e força para viver os sofrimentos e as dificuldades da vida cotidiana.

É dessa forma que a comunidade nordestina encara o cotidiano, trabalhando na terra e almejando na Festa da Farinha todas as formas de extravasar suas expectativas, sendo ela no setor financeiro ou no simbólico. Esse jeito brasileiro de comemorar para amenizar situações, é histórico, desde o período do Brasil Colonial as festas se fazem presentes na vida dos brasileiros, Brandão (1989, p. 7) ressalta que:

Basta olharmos para nossa própria vida, e com bons olhos veremos com ela é uma sequência de situações únicas, (o nascimento e a morte), raras, (o casamento ou o nascimento de nossos filhos) repetidos (a série dos aniversários) com que as pessoas da família, da parentela, da vizinhança ou dos círculos de trabalho e de amizades nos festejam ou nos obrigam a festar.

Como se vê, a festa é mais que um momento de valorização cultural, o momento festivo é o lugar da celebração onde todos são iguais e o contato com opiniões e ideias se entrelaçam buscando renovações a cada nova edição da festa. A Festa da Farinha trouxe para a população anastaciana e todo o entorno dela a possibilidade do convívio com essa comunidade que a partir da realização da festa em 2006 o destaque foi representativo tornando-os presença cativa nas grandes feiras que ocorrem em toda a cidade.

4 A PERCEPÇÃO NORDESTINA NA FESTA DA FARINHA

O estudo enfatiza de forma específica as interpretações do trabalho de campo via entrevistas e a aplicação de formulários tanto aos participantes, como aos organizadores da mesma. Assim, o evento, será exposto em forma de gráficos e análises interpretativas dos fatos, fontes bibliográficas e entrevistas utilizadas para compreender a relação entre a representação da cultura nordestina e o desenvolvimento local.

Dessa feita, a governança local tem conhecimento da referida pesquisa e por meio de informações de pessoas envolvidas na festa e na administração da cidade a pesquisa foi sendo construída e posteriormente será uma fonte documental para futuros pesquisadores.

Com isso, as iniciativas para o bom desenvolvimento dependem da comunidade, da forma de laços culturais que os indivíduos cultuam. Dessa feita, os caminhos que levam ao desenvolvimento local é a ligação que as pessoas mantêm entre si, onde o desabrochamento não depende de instituições ligadas a governo. No entanto, as idéias e propostas vindas de pessoas de fora do convívio da comunidade não estão descartadas, desde que bem estruturadas e que tenham um bom conhecimento do local, que respeitem e coloquem sempre em primeiro lugar a sensibilidade das pessoas envolvidas e que tenham conhecimento sobre o contexto cultural que envolve todos.

A aplicação do formulário ocorreu em maio de 2011, com a intenção de buscar o perfil dos participantes e de que forma eles conseguem usufruir do evento. Objetivou-se entender a percepção por parte dos visitantes e dos organizadores da festa no que abrange a cultura, poder socioeconômico que envolve os dois dias de festa, fazendo com que as autoridades locais vejam na Festa da Farinha a possível solução para o desenvolvimento local da comunidade nordestina e de outros produtores que vivem da agricultura familiar.

Portanto, os caminhos para desabrochamento do processo de desenvolvimento local de uma comunidade dependem dos laços afetivos, de interesses coletivos, de respeito e principalmente de valorização cultural. Por meio da solidariedade humana fica claro que a

Festa da Farinha está sendo o implemento que faltava para a autoestima desses produtores rurais de origem nordestina que há mais de um século está instalada na região.

O perfil econômico dos visitantes e o potencial turístico também foram requisitos para que se possa questionar como a governança local veja as potencialidades geradas pela festa e torne o evento como carro chefe para o desenvolvimento local da comunidade nordestina e da cidade de Anastácio.

Conforme o formulário aplicado e a realização de entrevistas estruturadas, verificou-se que as mulheres se dispuseram a participar mais da pesquisa do que os homens. Sendo uma festa familiar, normalmente as mulheres estão acompanhadas se seus esposos e filhos (Gráfico 1).

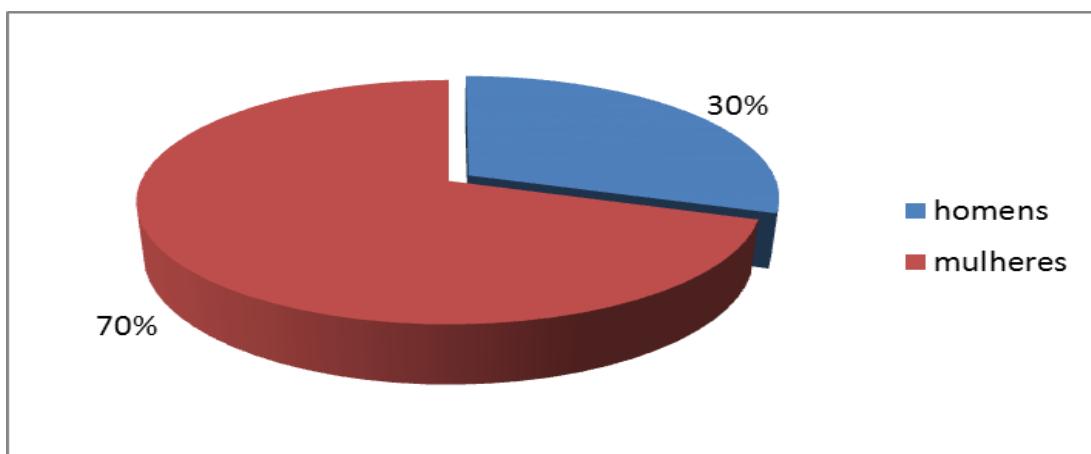


Gráfico 1 - Sexo.

Na própria Colônia Pulador a participação feminina é bem significativa com diz Domingues (2007, p. 15):

A participação das mulheres nestas festividades foi fundamental para a permanência dentro da Colônia dos costumes trazidos de Pernambuco. As festas tornavam-se momentos prazerosos, de encontros e de descanso do trabalho.

Com relação à idade dos participantes foi percebido um número maior de pessoas com faixa etária entre os 30 e 40 anos (Gráfico 2).

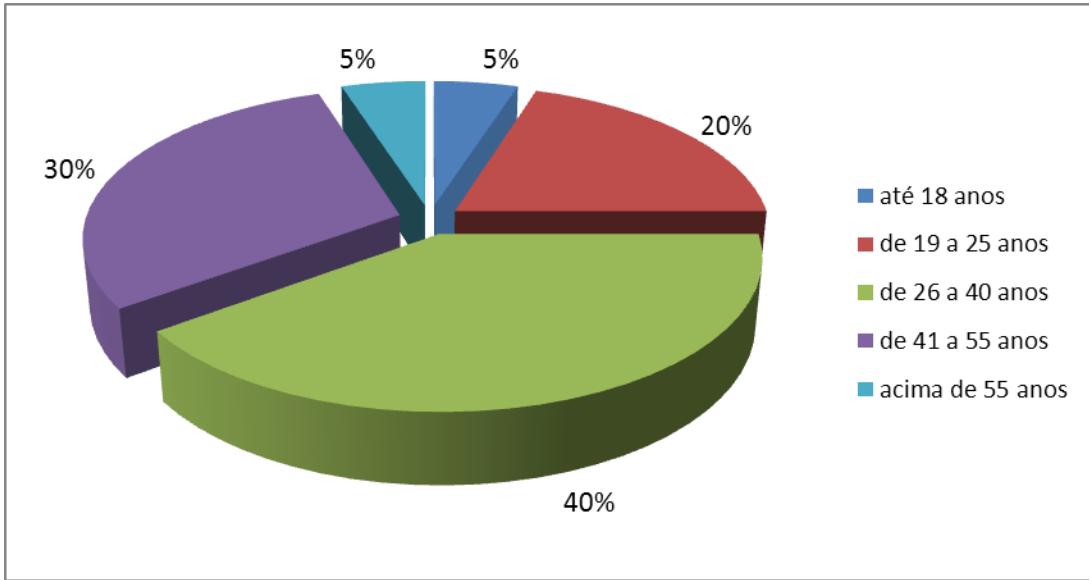


Gráfico 2 - Idade.

Por se tratar de um evento que ocorre somente no período noturno a presença de crianças surpreende, mas a justificativa é compreensiva. Como já foi mencionado anteriormente a Festa da Farinha é voltada para o entretenimento familiar. Lanzarini (2009) caracteriza a festa como um evento familiar, sem restrição de idade ou gênero.

Outra resposta adquirida pela aplicação do formulário ressalta a escolaridade dos frequentadores da festa (Gráfico 3).

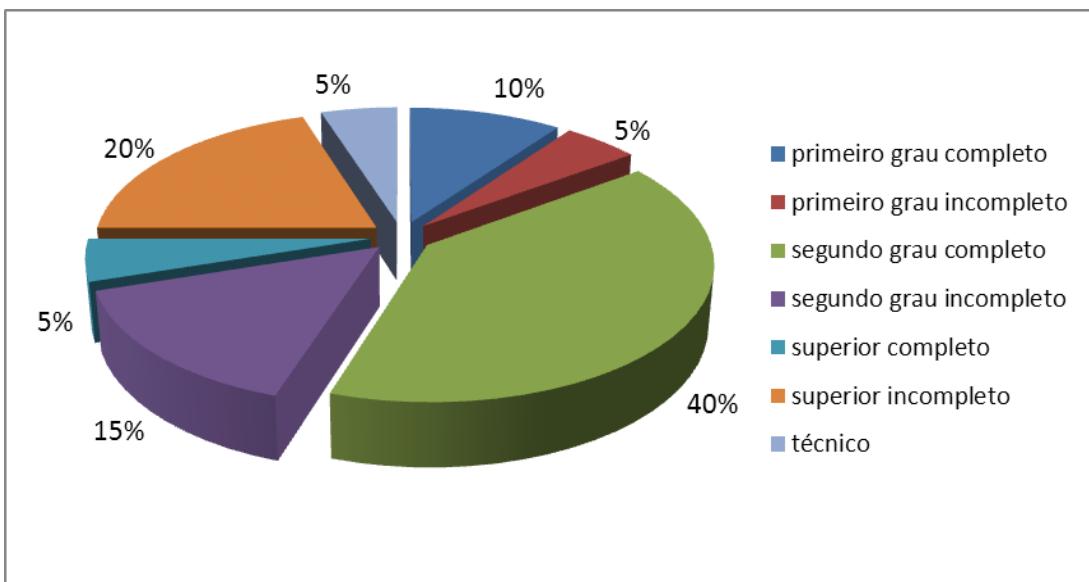


Gráfico 3 - Escolaridade.

O nível escolar ficou em sua maioria inserido no ensino fundamental e nível médio, demonstrando com isso a deficiência em capacitação profissional na região e a simplicidade das pessoas que buscam no interior da festa uma forma de esquecer o cotidiano e distrair-se com o que o evento oferece, tais como: shows, comidas típicas, e outros atrativos representando o nordeste brasileiro.

De acordo com o organizador José Edson o Barbosa de Moraes¹ os envolvidos na preparação da festa principalmente os produtores rurais passam por treinamentos específicos para expor seus produtos. Dessa forma identificou-se a maioria dos produtores possuem o ensino fundamental e médio e realizam vários cursos que antecedem antes do evento oferecidos pelo SEBRAE. Tais cursos trazem para eles o conhecimento científico que necessitam, mas o conhecimento do saber fazer, eles adquirem na própria comunidade ao longo do convívio com os mais velhos e conforme a tradição repassada de pai para filhos.

Na Festa da Farinha identificou-se que a maioria dos participantes é casada, porém a participação de solteiros no local da festa tem grande expressividade, pois a cidade de Aquidauana possui duas universidades públicas com estudantes de vários lugares do país e alguns estabelecimentos de ensino superior privado. Com isso a presença de solteiros na festa em busca entretenimento é bem expressiva (Gráfico 4).

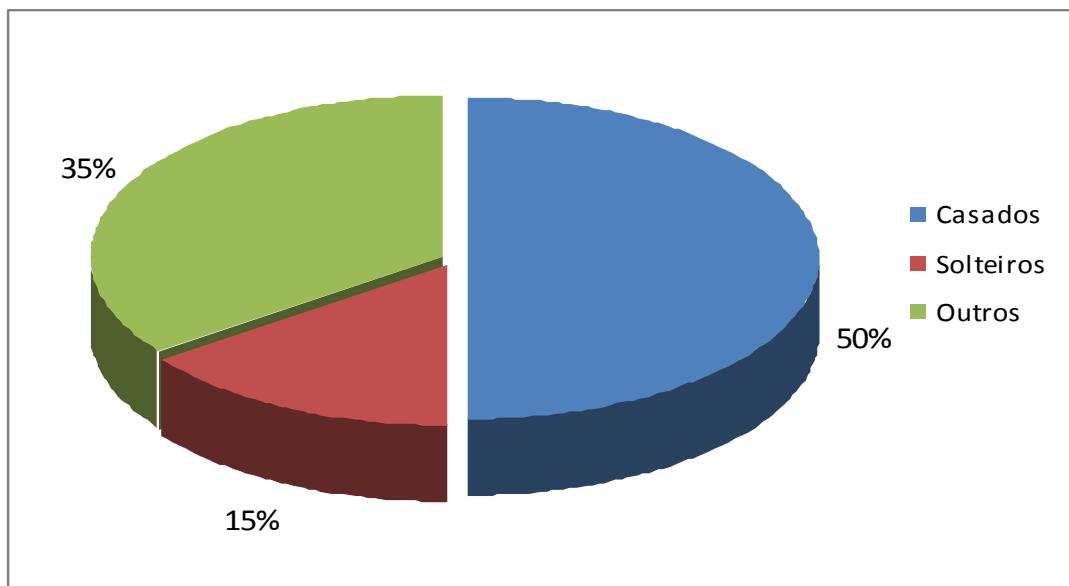


Gráfico 4 - Estado civil.

¹O referido entrevistado autorizou a citação de seu nome na pesquisa. Vale salientar que o mesmo é geógrafo, descendente de nordestino, ex-residente da Colônia Pulador e atualmente exerce a função de vereador de Câmara Municipal de Anastácio.

Comprova-se pelo Gráfico 4 que o estado civil dos participantes é na maioria casado, com 50% e de 15% para os solteiros e outros que têm relacionamentos não oficializados com 35%. A resposta obtida pelo questionário demonstra que as famílias ficam à vontade no local da festa, isso se deve a preocupação que os organizadores têm ao oferecer um ambiente tranquilo e bem estruturado com é a Festa da Farinha.

A renda salarial do público do evento limita-se a três salários mínimos. Isso se deve a vários fatores, um dos principais é a escolaridade que já foi comprovada, indicando a profissão da maioria como sendo braçal e de pouca rentabilidade e a presença dos estudantes que no período da conclusão do curso superior, dependem de auxílio financeiro dos pais (Gráfico 5).

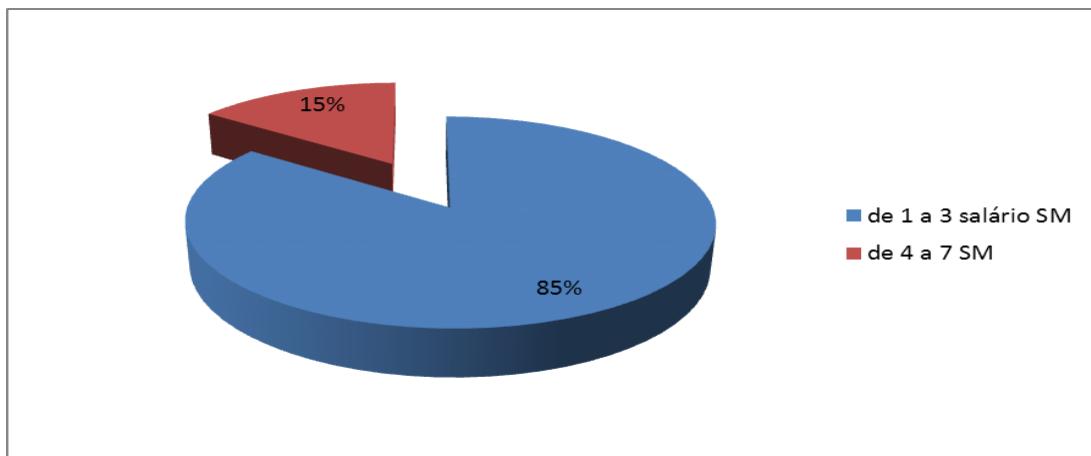


Gráfico 5 - Renda mensal.

Quanto à forma de hospedagem a pesquisa mostra que há um equilíbrio entre hotéis, casa de parentes e amigos. Mesmo com pouca diferença na distribuição de pessoas a rede hoteleira lucra nos dias da festa. Por se tratar de uma cidade pequena e sem muitos atrativos naturais a expressividade nos dias da festa é significativa para esse grupo de empresários donos de hotéis. Portanto a rede hoteleira da cidade permanece lotada nos dois períodos da festa, indicando um bom rendimento (Gráfico 6).

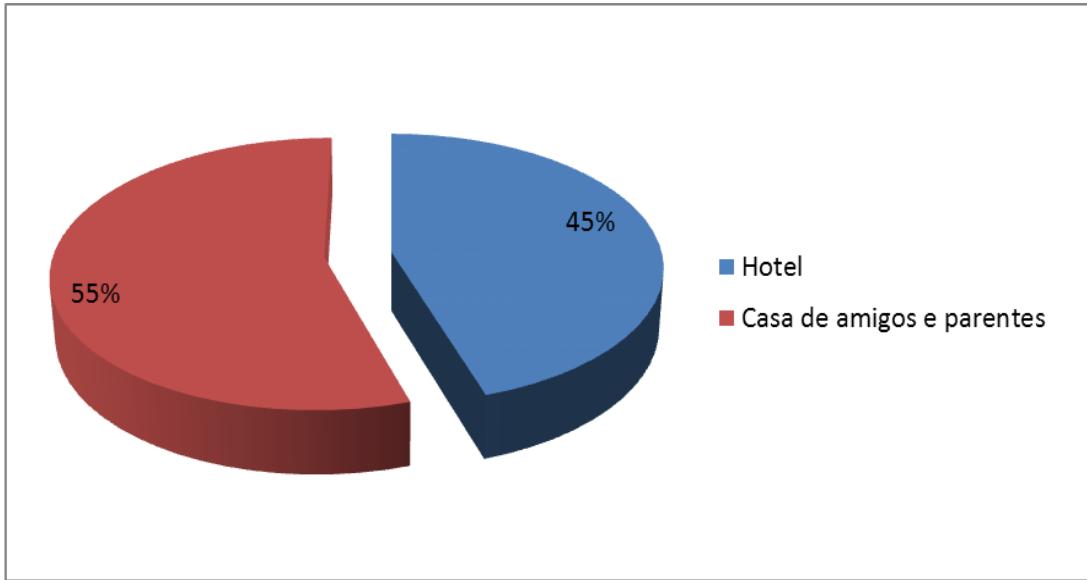


Gráfico 6 - Meio de hospedagem.

A rentabilidade desses locais é garantida por dois dias, pois na análise feita com o público por meio do formulário percebe-se que a maioria permanece e participa do evento pelo período de dois dias, ou seja, durante todos os dias da festa. O lucro adquirido pelos hotéis e restaurantes chega a ser superior ao que é arrecadado durante todo o ano, assim afirmam os proprietários.

Portanto verifica-se que a rentabilidade da festa ainda está em fase de crescimento, a cada ano aprimora-se mais o atendimento e a receptividade para melhor atender o público que se desloca até o local do evento para prestigiar a festa. Por se tratar de um evento recente com apenas sete anos de realização a esperança e o trabalho constante é que a cada ano a renda seja sempre crescente.

Com relação à comunidade nordestina os lucros ocorrem durante todo o ano, a venda da farinha torrada é realizada para o comércio local e para as cidades do entorno de Anastácio como Miranda, Nioaque e Jardim e a feira que é realizada semanalmente na área urbana da cidade com o apoio da Prefeitura Municipal de Anastácio.

A maioria dos participantes da festa é de Anastácio e Aquidauana, mas de uma forma notória percebe-se uma quantidade expressiva de pessoas de outras cidades e até mesmo de outro Estado. Para uma cidade que não tem pontos turísticos naturais para atrair turistas a Festa da Farinha está sendo a principal atração para Anastácio. Também se encontra no ambiente da festa um público de turistas de outros Estados, como São Paulo, Cuiabá e Curitiba (Gráfico 7).

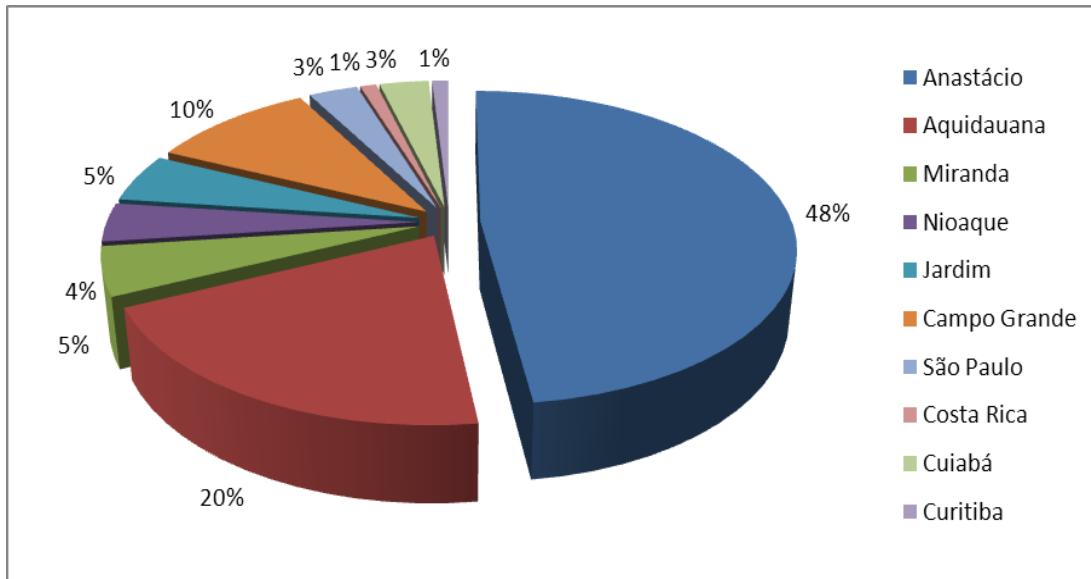


Gráfico 7 - Cidade de origem dos participantes.

Nessa perspectiva, o fluxo maior de visitantes na referida fomenta a economia local e a tendência é que com o passar dos anos o evento possa ser consolidado na perspectiva do desenvolvimento local.

Como já foi escrito antes, a população aguarda com anseio as festividades que tem duração de dois dias. A demonstração disso é o crescimento da população cada ano. De 2006 a 2008 o crescimento de visitantes no local da festa teve um aumento significativo, de 10.000 para 20.000 (LANZARINI, 2009).

A presença expressiva da população local mostra a receptividade e aceitação da cultura nordestina no contexto pantaneiro, onde a espera pela manifestação cultural contagia a todos pela propaganda feita meses antes pela equipe da organização da festa.

Entende-se que a aceitação da população local sugere um crescimento econômico no que se referem a hotéis, restaurantes e comércio que são proporcionados por conta da realização da festa durante dois dias. Todos lucram no período da festa, isso indica um desenvolvimento nesse setor e incentiva para que a cada ano eles possam aprimorar o atendimento ao público. O pensamento de Junqueira (2000, p. 118) alinha-se ao contexto da festa, ao tratar sobre o desenvolvimento local:

[...] é entendido como um espaço dinâmico de ações locais, tendo como pressuposto a descentralização, a participação comunitária e um novo modo de promover o desenvolvimento [...], descobrindo ou despertando para suas vocações locais e desenvolvendo suas potencialidades específicas.

Ao que se refere aos meios de transportes, há uma diversificação, constatando-se que as pessoas se dirigem para a festa por meio de carros, motos e outros (ônibus, bicicleta, a pé). O meio de locomoção mais usado na percepção dos participantes foi o carro (Gráfico 8).

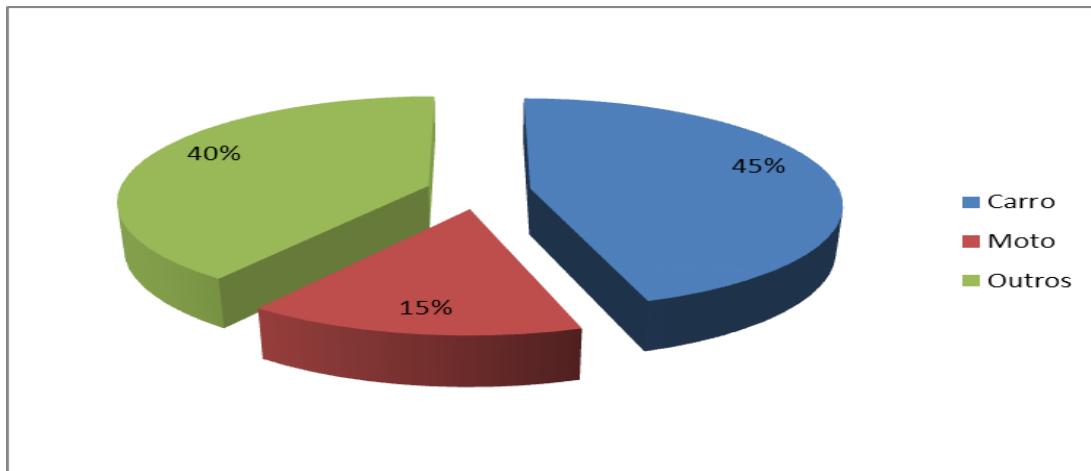


Gráfico 8 - Meio de transporte utilizado pelos participantes da Festa da Farinha.

Quanto à profissão dos participantes da festa evidencia-se que a porcentagem de 30% ficou entre dona de casa e trabalhadores autônomos, e o restante ficou entre estudantes, funcionários públicos e produtores rurais (Gráfico 9).

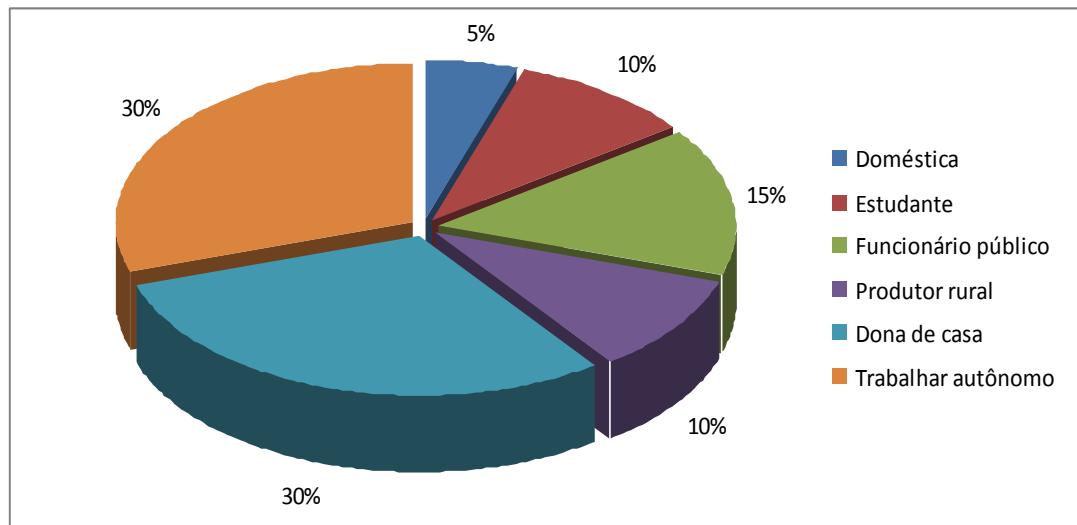


Gráfico 9 - Profissão dos participantes da Festa da Farinha.

Caracterizando as motivações que levam o público ao local da festa inferiu-se que a maioria participa do evento para saborear as comidas típicas que são um grande atrativo, principalmente as de origem nordestina (Gráfico 10).

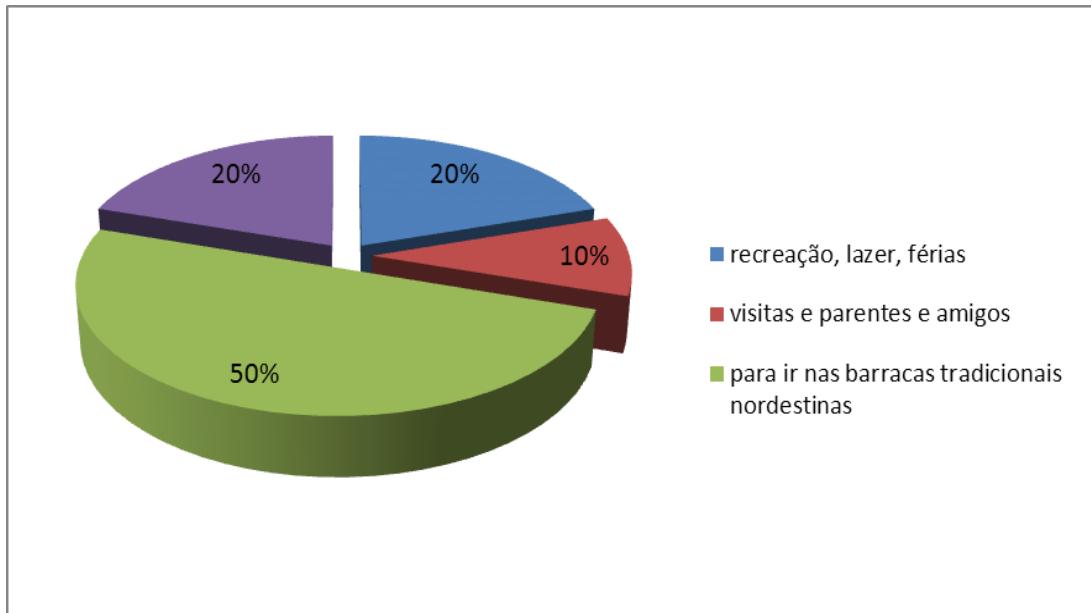


Gráfico 10 - Principal motivação na festa.

Como ilustra o gráfico 11, a maioria dos participantes ficou sabendo da festa por meio de amigos e parentes. Identificou-se, também que há mais de sete anos, a propaganda da referida também é feita via rádio, internet, cartazes e panfletos.

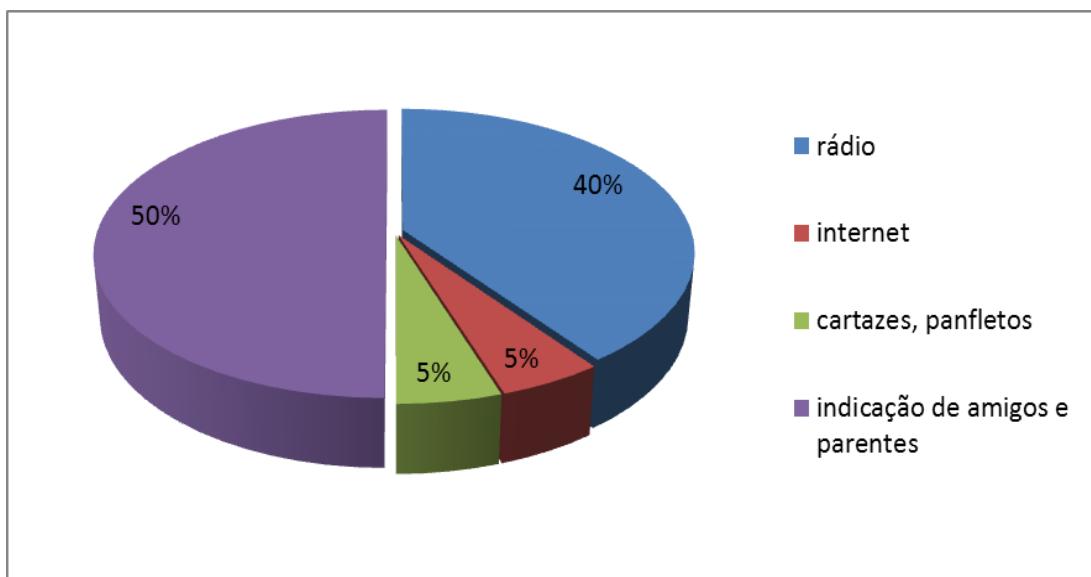


Gráfico 11 - Como ficou sabendo sobre o evento.

Quanto à participação em eventos anteriores, 63% confirmou que já estiveram presentes. Isso mostra a credibilidade que a festa consegue obter e cativar para que os turistas retornem no ano seguinte. Um fator muito colaborador para que a festa consiga trazer pessoas que já estiveram em edições passadas é a data permanente, pois o mês de maio já faz parte do

calendário de eventos da cidade. A Festa da Farinha, dessa forma, é comemorada no mesmo dia do aniversário da cidade de Anastácio-MS (Gráfico 12).

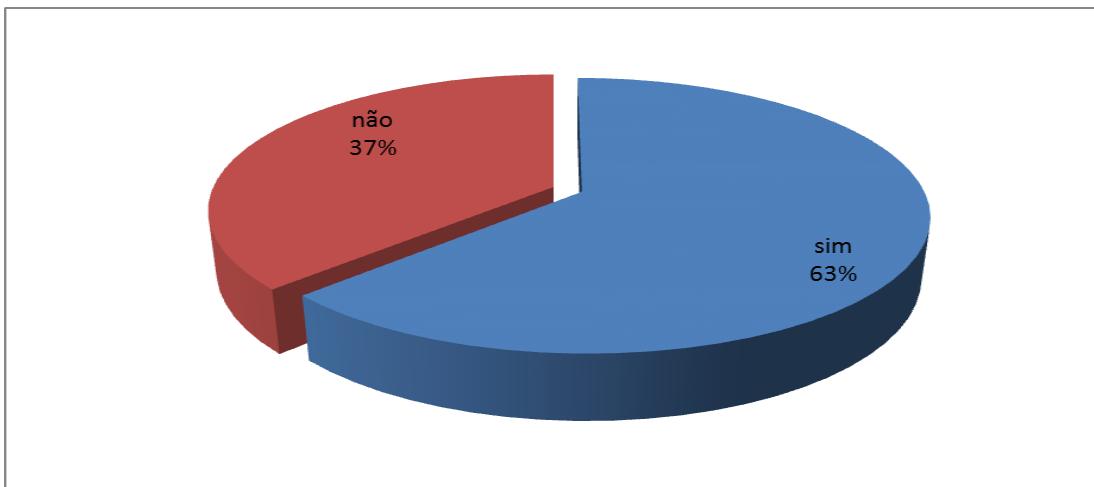


Gráfico 12 - Participação em festas anteriores.

Como pode ser observada no Gráfico 13, a infraestrutura da festa agrada as comunidades locais e visitantes, de forma que 73% aprovam as comodidades fornecidas pelos organizadores, demonstrando assim o quanto as pessoas envolvidas com a organização buscam proporcionar o que há de melhor para os visitantes.

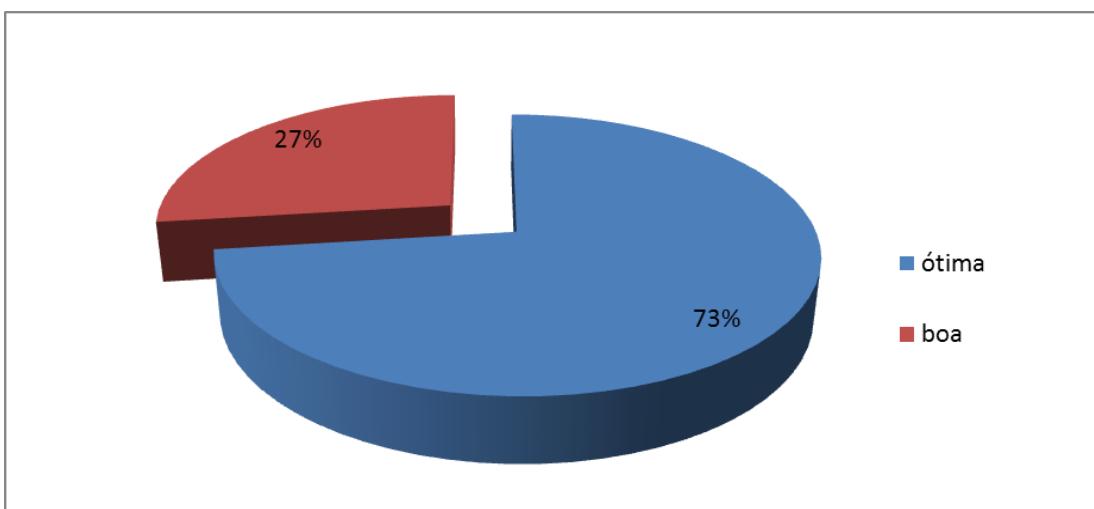


Gráfico 13 - Infraestrutura.

O fato de as pessoas gastarem relativamente pouco no evento, ver gráfico 14, evidencia-se que a maioria gasta até R\$ 100,00, quase que exclusivamente com comida, uma vez que a entrada e os shows são gratuitos. Uma parte desse valor também é gasto com artesanato, segundo depoimentos verbais de alguns participantes.

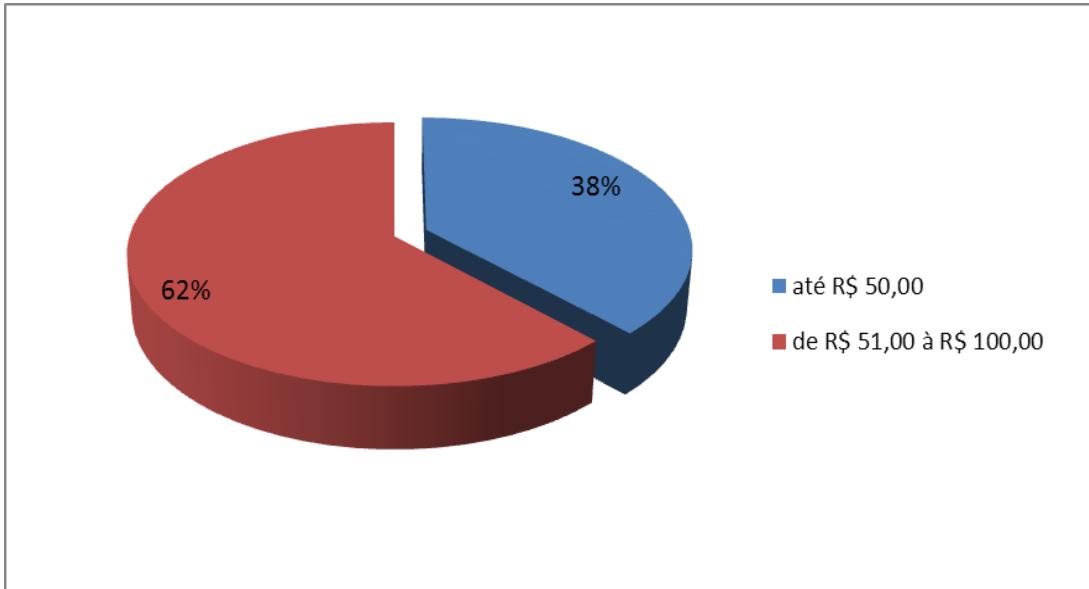


Gráfico 14 - Valor que pretende gastar na Festa da Farinha.

De acordo com o gráfico 15, a cultura nordestina ressalta (57%) as tradições, músicas, vestuário, artesanato, etc. Essa característica vem ao encontro do conceito de desenvolvimento local, pois a valorização e a afinidade da comunidade são receitas importantes para um bom desempenho e sucesso o desabrochamento da comunidade.

Salienta-se também, a movimentação econômico-financeira do comércio local, incentivando a aquisição de mercadorias na referida festa. Dessa forma, a mobilização, a sensibilização da comunidade de Anastácio tem cumprido o seu papel de forma adequada na celebração da festa, concomitante ao aniversário da cidade.

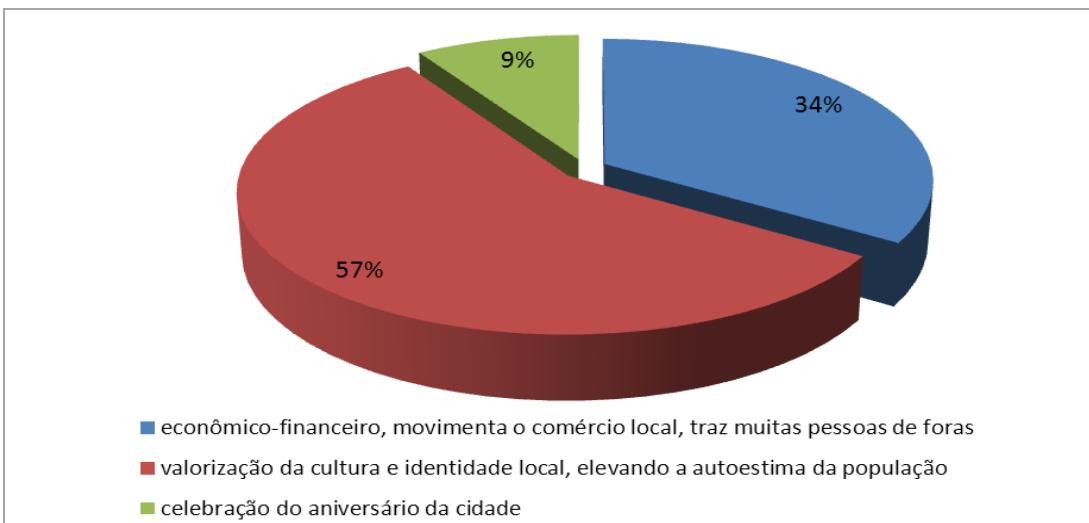


Gráfico 15 - Importância do evento para a cidade.

Vale ressaltar que a comunidade trabalha em um sistema de cooperativa, a grande parte do lucro da venda dos produtos comercializado durante o evento é distribuído entre os produtores rurais da comunidade, afinal esse é o propósito dos organizadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em torno da população nordestina delimitada em um lugar com uma população de pouco mais de 21.000 habitantes se orgulha da grandeza da festa com a representação cultural tão peculiar. Por esta razão, pode-se perceber a receptividade da população local para com os visitantes e o sentimento de pertença da comunidade nordestina. Nesse contexto, a análise interpretativa da manifestação exercida pela comunidade nordestina demonstra o sentimento e sintonia que essa população encontrou em terras pantaneiras. Com o passar dos anos muitos filhos nasceriam por essas terras, tornando-se sul-mato-grossenses, mais sem perder a essência e as características nordestinas, isso graças a tradição mantida de pai para filho.

Nesse contexto, a iniciativa dos representantes da cidade de Anastácio, principalmente do ex-prefeito (*in memoriam*) Claudio Valério de valorizar e dar importância à cultura nordestina é um incentivo ao desenvolvimento dessas pessoas. Para tanto, apesar de a festa ser de caráter familiar e de ambiente tradicional, não deixa de ter retoques de modernidade, mesmo porque para o desenvolvimento local, a modernidade é preciso e caminha junto com a comunidade. Sob essa ótica é fácil perceber o empenho da população da cidade e do meio rural para alcançar o desenvolvimento.

Por esse prisma, a pesquisa demonstra que por meio da realização da festa o desenvolvimento local se faz presente no ambiente da comunidade, por ter levantado a autoestima da população e feito crescer economicamente o local de onde eles vivem. Os conflitos de interesses geram e instigam o ser humano, e dessa forma ao serem confrontados e desafiados, os trabalhadores da zona rural da comunidade Pulador se sentem na responsabilidade em responder aos anseios da população na mesma altura da confiança depositados pelos idealizadores e organizadores do evento.

No entanto, por essa valorização ser reconhecida com um público de 20.000 por noite, o evento obteve um crescimento considerável no cenário cultural do Mato Grosso do

Sul, está no calendário oficial do Estado de eventos culturais e recebe apoio do governo do Estado. A participação em massa da população da cidade e de outros Estados é a forma mais compreensiva de entender a dimensão que gera o acontecimento festivo. Por conta disso, a cidade de Anastácio tornou-se conhecida no cenário sul-mato-grossense elevando o potencial dos comerciantes urbanos, como hotéis, mercados e restaurantes que nos dois dias de festa lucram com o aumento de consumidores no local.

Nessa perspectiva, a Festa da Farinha já perpassa sete anos de realização, já é um evento esperado e por conta disso muito bem planejado, neste contexto a secretaria de turismo e de desenvolvimento sustentável são os responsáveis em designar pessoas para organização e preparação da Festa antecipadamente. Para tanto, pode-se entender o desencadear da festa como uma forma de expressão do povo nordestino situado há mais de um século no território pantaneiro, e de afirmar a tradição e cultura dessa população que se deslocou do seu local de origem para sobreviver em outro espaço que não o seu de origem. Povo corajoso e destemido, por anos enfrentando a resistência cultural do local e mantendo sua cultura.

Portanto, a Festa da Farinha é a representação única da história que envolve da cultura nordestina que permanece no meio da comunidade, é a forma de mostrar a todos a fortaleza que essa comunidade possui, em meios a tantos obstáculos enfrentados, pois por anos essa comunidade ficou sem expressão, eram apenas os migrantes instalados nessas terras. O desenvolvimento local vem ao encontro dessa comunidade, é nessa expressividade e sentimento de pertença que o desabrochamento do desenvolvimento acontece.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ana Lúcia. Pertencimento. **Pertencimento.** Dicionário de direitos humanos. Procuradora Geral da República. 2006. Disponível em: <<http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>>. Acesso em: 11 set. 2012.
- AMARAL, Rita. **Festa à brasileira:** sentidos do festejar no país que “não é serio”. 2001. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLiberis/festas.html>>. Acesso em: 11 set. 2012.
- ÁVILA, Vicente Fidelis de. **Formação educacional em desenvolvimento local:** relato de estudo em grupo e análise de conceitos. Campo Grande: UCDB, 2001.
- BARROS, Jose Marcio. **Cultura, mudança e transformação:** a diversidade cultural e os desafios de desenvolvimento e inclusão. Trabalho apresentado no III Enecult, maio de 2007, Salvador Bahia.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua.** Campinas, SP: Papiros, 1989.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORRÊA, Lúcia Salsa. **História e Fronteira:** o Sul de Mato Grosso 1870-1920. Campo Grande, UCDB, 1999.
- DAMATTA, Roberto. **Explorações:** ensaios de sociologia interpretativa. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- DIE ARISTOTELISCHE. **Physik,** W. Wieland, 1962. 2^a edição revisada, 1970.
- PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil Colonial.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.
- DOMINGUES, Andrea Silva. **História e memória:** as mulheres na constelação da Colônia do Pulador em Anastácio – MS. História agora: revista de história do tempo presente. 2012.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Miniaurélio Século XXI Escolar:** o minidicionário da língua portuguesa. Ed. Margarida dos Anjos, Marina B. Ferreira. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2001.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Patrimônio histórico e cultural.** Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: D P & A editora, 2004.
- IBGE CIDADES. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Informações estatísticas.** Mato Grosso do Sul, ano 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=ms>>. Acesso em: 7 jul. 2011.

- GOES, Marcos Lucio de Souz; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Orgs.). **Literatura linguística: práticas de interculturalidade no Mato Grosso do Sul.** Dourados: UFGD, 2011.
- JUNQUEIRA, Luciano Prates. Intersetorialidade, transetorialidade e redes sociais na saúde. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 35-45, 2000. v. 34, n. 6, 2000.
- LANZARINI, Ricardo. A Festa da Farinha de Anastácio/MS: um evento cultural e a parceria SEBRAE/MS na formação de novos espaços de lazer e turismo. **Revista Global Tourism**, V. 5, nº 1, maio, 2009. Disponível em: <www.periodicodeturismo.com.br>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- LASTRES, Helena M. M.; CASSIOLATO, José Eduardo. **Glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais**. Rio de Janeiro: SEBRAE, 2004. Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br/redesist/P4/Ampli/Gloss%20rio%20RedeSist.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2010.
- LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. **Territorialidades e dinâmicas sócio-ambientais**, julho de 2006.
- PREFEITURA DE ANASTÁCIO - MS. Lei Complementar, nº 54 - **SIM**: Serviço de Inspeção Municipal. Estado do Mato Grosso do Sul. Prefeitura de Anastácio, 6 de abril de 2011.
- MAIA, Felícia Assmar. Direito a memória: o patrimônio histórico, artístico e cultural e o poder econômico. **Revista Movendo Idéias**, Belém, v. 8, nº 13, jun. 2003.
- MARQUES, Heitor Romero (Org.). **Desenvolvimento local em Mato Grosso do Sul: reflexões e perspectivas**. Campo Grande: UCDB, 2001.
- MARTINS JUNIOR, Carlos. **Casa Candia do município de Anastácio - MS**: uma reflexão sobre o patrimônio edificado e documental. I Encontro de Arqueologia de Mato Grosso do Sul. MuArq, UFMS, 2009.
- MITIDIERO, Marilda Batista. **O Museu José Antônio Pereira no ensino da história**: patrimônio, identidade e desenvolvimento local no contexto da territorialidade. 2009. 121 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2009.
- NEVES, Joana. **Um porto para o Pantanal**: a fundação de Aquidauana: civilização e dependência – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.
- PIERSON, Donald. **Teoria e pesquisa em sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Átila, 1993.
- ROSENDALH, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. **Anais... X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA**. São Paulo: Universidade de São Paulo, mar. 2005.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5.ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** espaço e tempo; razão e emoção. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **Metamorfozes do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton *et al.* (Orgs.). **Território:** globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. **Espaço e método.** São Paulo: NOBEL, 1988.

TREVIZAN, Fernanda Kiyome Farori. **Cultura, gastronomia e turismo:** desenvolvimento local, estudo de caso na III Festa da Farinha de Anastácio (MS). Seminário Internacional “Experiências de agenda 21”: os desafios do nosso tempo. Ponta Grossa, PR. 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VALÉRIO, Claudio. **Breve história de Anastácio.** Anastácio-MS: Gráfica Pantanal, 2002.

VANIER, Jean. **Comunidade:** lugar do perdão e da festa. Trad. Teresa Paula Perdigão. SP: Paulinas. 1982.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de Sociologia.** São Paulo: Editora Moraes, 1987.

YAZIGI, Eduardo. **Saudades do futuro:** por uma teoria do planejamento territorial do turismo. São Paulo: Plêiade, 2009.

APÊNDICE

Modelo de formulário aplicado aos participantes da 6ª Festa da Farinha da cidade de Anastácio-MS - 2011

Data: _____.

Perfil do participante

Sexo () M () F

1. Onde reside

Cidade _____ Estado _____ .

2. Idade

até 18 anos de 41 a 55 anos
 de 19 a 25 anos acima de 55 anos
 de 26 a 40 anos

3. Estado Civil

solteiro (a) viúvo (a)
 casado (a) divorciado (a)
 outros

4. Grau de escolaridade

primeiro grau completo incompleto
 segundo grau completo incompleto
 superior completo incompleto
 especialização mestrado
 doutorado técnico
 tecnólogo

5. Profissão:

6. Renda mensal

de 1 a 3 salário SM de 8 a 10 SM
 de 4 a 7 SM acima de 11 SM

7. Meio de hospedagem

- hotel
- casa de amigos e parentes
- outros

8. Quantos dias pretende ficar na cidade para assistir as solenidades da Festa da Farinha em Anastácio _____.

10. Dos motivos citados qual a principal motivação de sua vinda a 6º Festa da Farinha de Anastácio

- | | |
|--|--|
| (<input type="checkbox"/>) recreação, lazer, férias | (<input type="checkbox"/>) compras |
| (<input type="checkbox"/>) visitas e parentes e amigos | (<input type="checkbox"/>) para ir nas barracas tradicionais nordestinas |
| (<input type="checkbox"/>) negócios e motivação profissional | (<input type="checkbox"/>) shows |

11. Como você ficou sabendo desse evento

- | | |
|--|---|
| (<input type="checkbox"/>) rádio | (<input type="checkbox"/>) internet |
| (<input type="checkbox"/>) jornal | (<input type="checkbox"/>) cartazes, panfletos |
| (<input type="checkbox"/>) equipe de promoters | (<input type="checkbox"/>) indicação de amigos e parentes |

12. Você participou dos eventos anteriores da Festa da Farinha

- () sim
() não

13. Sobre a infraestrutura da festa qual a sua opinião

- () ótima () boa () péssima

14. Quanto você pretende gastar no evento

- () até R\$ 50,00
() de R\$ 51,00 à R\$ 100,00
() de R\$ 101,00 à R\$ 200,00
() mais de R\$ 201,00

15. Qual a importância deste evento para a cidade de Anastácio

- () econômico - financeiro, movimenta o comércio local, traz muitas pessoas de foras.
() valorização da cultura e identidade local, elevando a autoestima da população.
() mobilização, sensibilização de toda a comunidade Anastaciana.
() celebração do aniversário da cidade.
() outros.

16. Tem alguma observação ou sugestão a fazer

Obrigada pelas informações prestadas!

Lucimara Nascimento da Silva - Mestrado do PPGDL - UCDB.

Autorizo a utilização de minhas informações prestadas para a divulgação (imagens e discursos) impressa no trabalho acadêmico de Pós-graduação em Desenvolvimento Local - UCDB.

Data: _____._____._____.

Nome completo: _____

Assinatura: _____

Muito obrigada!